

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PEDAGOGIA DA ARTE

Virgínia Crivellaro Sanhotene

Orquestra Villa-Lobos: Reescrevendo Histórias

Porto Alegre

2011

Virgínia Crivellaro Sanhotene

Orquestra Villa-Lobos: Reescrevendo Histórias

Trabalho de Conclusão apresentado ao
Curso de Especialização em Pedagogia da
Arte, da Faculdade de Educação da
Universidade Federal do Rio Grande do
Sul.

Orientadora: Dra. Luciana Prass

Porto Alegre

2011

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que me acolhe desde a graduação e onde permaneço, agora, como aluna do Programa de Pós Graduação em Educação, cursando mestrado na linha de Filosofia da Diferença. Por todas as oportunidades que me oferece e pela qualidade de seu ensino.

Agradeço ao Curso de Especialização em Pedagogia da Arte, pela competência de seus professores, pela oportunidade de realizar este trabalho e pelos ensinamentos.

Agradeço à minha professora orientadora, Dra Luciana Prass, por acreditar nesta pesquisa, pelo incentivo e, especialmente, pelo cuidado e pela disposição com que sempre me atendeu nas orientações.

Agradeço à Orquestra Villa-Lobos, a todos os seus participantes e à professora Cecília, por terem me recebido de forma tão calorosa e sincera. Também, por todo aprendizado que tive junto a vocês e por todas as alegrias que me proporcionaram – e ainda proporcionam.

Agradeço à minha irmã, Vitória, por sua paciência e por todo cuidado e ajuda.

Agradeço ao meu pai, Rogério, por seus ensinamentos.

Por fim, agradeço à minha mãe, Ângela, a quem dedico este trabalho, por seu amor à educação e às artes, em suas mais variadas formas. Obrigada por todo apoio e carinho, sempre incondicionais, e por ser o maior exemplo de educadora que tenho.

Os meus olhos coloridos
Me fazem refletir
Eu estou sempre na minha
E não posso mais fugir

Meu cabelo enrolado
Todos querem imitar
Eles estão baratinados
Também querem enrolar

Você ri da minha roupa
Você ri do meu cabelo
Você ri da minha pele
Você ri do meu sorriso

A verdade é que você
(Todo brasileiro tem!)
Tem sangue crioulo
Tem cabelo duro

Sará crioulo...
(Macau, Olhos Coloridos)

Resumo

A presente pesquisa foi desenvolvida junto ao grupo artístico *Orquestra Villa-Lobos*, sediado na Escola Municipal Heitor Villa-Lobos, localizada na Vila MAPA, em Porto Alegre. O objetivo deste trabalho foi descrever o *Programa Orquestra Villa-Lobos*, da Escola Municipal Heitor Villa-Lobos, como uma possibilidade de escape, por parte de seus integrantes, das condições de assujeitamento que os posicionam à margem de ações e experiências sociais e culturais possíveis ou permitidas apenas a uma classe considerada mais “nobre” ou “rica” da população. Por meio do *Programa*, jovens de classe popular têm acesso à linguagem musical e à técnica de diversos instrumentos, bem como, a outras oportunidades de formação musical e humana que contribuem para sua ampliação cultural, formação pessoal e, em muitos casos, capacitação profissional. A Escola Villa-Lobos é sediada na Lomba do Pinheiro – Porto Alegre –, e atende os estudantes da Comunidade da Vila MAPA. Os dados qualitativos apresentados permitem a compreensão da dimensão alcançada pelo *Programa*, através do trabalho musical e social desenvolvido junto aos jovens da comunidade, em especial junto aos 40 integrantes da *Orquestra*, professores e coordenadora, colaboradores desta pesquisa.

Palavras-chave: Educação musical, educação popular, escola pública.

Abstract

The present research was developed along the artistic group *Orquestra Villa-Lobos*, hosted in the municipal school Heitor Villa-Lobos, located in the Vila MAPA, in Porto Alegre. The objective of this work was to describe the *Programa Orquestra Villa-Lobos*, from the municipal school Heitor Villa-Lobos, as a possibility of escape, by its members, from the conditions of “*submission*” that positions them on the sidelines of actions and social experiences and cultures possible or permitted only to a class considered more “noble” or “rich” of the population. Through the *Programa*, youngsters from the working class have access to the musical language and to techniques of various musical instruments, as well as, to other opportunities of musical and human formation that contributes to its cultural expansion, personal formation and, in many cases, professional capacitation. The Villa-Lobos school is hosted in the Lomba do Pinheiro – Porto Alegre, and serves the students from the Comunidade da Vila MAPA. The qualitative data presented allows the comprehension of the dimension achieved by the *Programa*, through the musical and social work developed along the youngsters of the community, especially along the 40 members of the *Orquestra*, teachers and coordinator, contributors of this research.

Key-words: Musical education, popular education, public school.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

ESPETÁCULO CRIAR.....	10
APRESENTAÇÃO NA SMED.....	17
VIOLONISTA.....	25
VIOLONCELISTA.....	37
FLAUTISTAS: ESPETÁCULO CRIAR.....	51

LISTA DE ABREVIATURAS

IA – Instituto de Artes da UFRGS

OSPA – Orquestra Sinfônica de Porto Alegre

RBS – Rede Brasil Sul

RME – Rede Municipal de Ensino

SMED – Secretaria Municipal de Educação

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS ACERCA DO PROGRAMA “ORQUESTRA VILLA-LOBOS”	17
1.1 ORQUESTRA VILLA-LOBOS	17
1.2 A ESCOLA TEM NA ORQUESTRA UMA REFERÊNCIA DE SI MESMA.....	20
2 EXPERIÊNCIAS	25
2.1 FAZER MÚSICA, NÃO APENAS ESCUTAR, ISSO É UMA COISA MUITO GRATIFICANTE	25
2.2 A ORQUESTRA TRANSFORMA VIDAS MESMO	30
2.3 EU VOU PARA O COLÉGIO JÁ COM O PENSAMENTO DE QUE EU QUERO, QUERO MUITO, PASSAR NO VESTIBULAR	33
3 A ORQUESTRA EM CARÁTER SUBVERSIVO.....	37
3.1 QUEM É QUE VAI FALAR MAL DE UM LUGAR ONDE TEM UM PROJETO TÃO BONITO QUANTO ESTE?.....	37
3.2 NÓS SOMOS MUITO POPULARES.....	42
3.3 EU GOSTO QUANDO MINHA MÃE ME VÊ TOCAR! PELO MENOS EU SEI QUE ELA TÁ ORGULHOSA	45
3.4 A MÚSICA TAMBÉM BOTA A PESSOA NO LUGAR	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	54



Figura 1 - Espetáculo Criar

Introdução

Nasci na quarta geração de músicos da família. Iniciei meus estudos de piano aos seis anos de idade e, posteriormente, também aprendi teoria musical e história da música, paralelamente ao estudo do instrumento, sempre na mesma escola. Aos 15 anos, quando prestei vestibular, não me senti confortável para seguir em um curso de Música na Universidade, pois não havia decidido se queria transformar a minha relação com a música, que até então era de satisfação pessoal, em relação profissional. Também estudei *ballet* dos quatro aos quatorze anos, mas na época em que realizei vestibular a dança ainda não era uma opção de curso superior em Porto Alegre.

Com isso, em 2006, interrompi meus estudos de piano e iniciei o curso de Licenciatura em Matemática na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porém, minha relação com a música continuou muito presente, pelo convívio familiar, pela falta que sentia em prosseguir com meus estudos nessa área, pelas apresentações e shows que sempre busquei acompanhar, pela amizade que fiz com muitas pessoas da área. Com isso, aos dezessete anos, retomei meus estudos de piano e me formei em teclado, em paralelo à graduação em Matemática. Aos dezoito anos, comecei a lecionar piano e teclado na escola onde estudei desde pequena, onde trabalho até hoje com crianças e adolescentes. Formei-me em Matemática – Licenciatura, no segundo semestre de 2009.

Esta pesquisa surgiu, inicialmente, de uma busca em aproximar meus conhecimentos pedagógicos iniciados na Licenciatura em Matemática com minha prática como professora de música. Dessa forma, reconheci nesta Especialização em Pedagogia da Arte uma oportunidade de unir uma paixão, um objeto de estudo e, atualmente, também minha profissão.

Desde 2008, a Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre – SMED – possui Centros Musicais, que se constituem pelo “resultado do trabalho musical de professores de música e profissionais que atuam com música nas escolas”, fundamentando-se, como princípios organizacionais, na construção democrática, na descentralização – de atividades que ocorrem em diversos tempos e espaços – e na articulação entre espaços formais e não-formais da música¹.

¹ www2.portoalegre.rs.gov.br/smed/default.php?p_secao=302 com acesso dia 16/05/2010.

A SMED possui oito núcleos dentro desses Centros Musicais, considerando as especificidades musicais que os compõem. Cada núcleo possui uma escola que é reconhecida como “eixo articulador”, que atua como referência do núcleo. São os núcleos: Orquestral, Banda Escolar, Percussão, Violão, Canto Coral, Hip-Hop, Música e Tecnologia e Música na Educação Infantil. A Escola Municipal Heitor Villa-Lobos, sede da Orquestra Villa-Lobos, é escola-eixo do núcleo Orquestral.

Orquestra Villa-Lobos é, ao mesmo tempo, o nome do programa que realiza mais de 400 atendimentos mensais a crianças e jovens da comunidade da Vila MAPA, através de oficinas de ensino de instrumentos, teoria e percepção musical, e o nome do grupo artístico formado por 40 componentes, oriundos dessas oficinas. Nessa monografia, busco apresentar o que pude acompanhar através do trabalho de campo, realizado entre junho e dezembro de 2010, acompanhando aulas, ensaios e apresentações da Orquestra e realizando entrevistas com seis de seus componentes e com a professora Cecília Rheingantz Silveira, versando sobre o aprendizado de música desses alunos de classe popular. Mais especificamente, falando sobre as experiências e os aprendizados dos integrantes do grupo artístico Orquestra Villa-Lobos.

Em decorrência das experiências que tive ao longo deste estudo e do convívio com os colaboradores, o tema desta pesquisa foi se delineando. Nesse sentido, decidi pesquisar sobre o aprendizado de música – em um contexto novo pra mim e que se revelou cada vez mais “estranho” às minhas experiências anteriores – e sobre as experiências e demais aprendizados dessas crianças e jovens em decorrência de comporem a Orquestra. Em primeiro lugar, novo pela característica social, econômica e cultural do local onde desenvolvi a pesquisa e dos componentes do grupo artístico com quem convivi nestes últimos meses. Como adolescente de classe média, meu primeiro estranhamento deu-se em relação a características de precariedade de estrutura física, social e econômica do bairro onde a pesquisa foi desenvolvida – a Vila MAPA, na Lomba do Pinheiro, em Porto Alegre.

O segundo estranhamento deu-se em relação ao aprendizado de música: trabalho como professora em uma escola particular de música. O aprendizado, nesta escola, é desenvolvido de forma individual – professor e aluno. Na Orquestra Villa-Lobos, no grupo artístico pesquisado, o aprendizado é coletivo, desenvolvido dentro de uma Escola Municipal, atendendo um grupo de estudantes de baixa renda. Isso exige uma prática que contraria o quadro elitista do ensino de música vigente nos dias de hoje, também foco desta pesquisa.

É fundamental, para a compreensão deste trabalho, que seja distinguido o Programa Orquestra Villa-Lobos do grupo artístico Orquestra Villa-Lobos. O primeiro é composto pelas Oficinas, de onde se originou o grupo artístico principal. Com isso, quando eu me referir a “Oficinas” ou “Programa”, tal enunciado diz respeito ao trabalho mais amplo, que realiza mais de 600 atendimentos² mensais. Quando eu utilizar as expressões “grupo artístico” ou “Orquestra Villa-Lobos”, refiro-me ao grupo composto por cerca de 40 estudantes³, regido pela professora Cecília.

Esse trabalho consiste em um estudo de caso, cujo método “contribui de forma inigualável para a compreensão que temos dos fenômenos individuais, organizacionais, sociais e políticos.” (Yin apud Severo, 2010, p. 21). Para a realização dessa pesquisa, utilizei-me de um diário de campo, onde registrei observações do trabalho de campo realizado de junho a dezembro de 2010. Também realizei fotografias de alguns ensaios e apresentações da Orquestra.

Como parte fundamental de análise deste estudo, foram realizadas entrevistas semi-diretivas – com um roteiro básico elaborado – com sete dos 40 componentes do grupo artístico e com a professora Cecília Rheingantz Silveira, coordenadora do programa e regente da Orquestra. Essas entrevistas ocorreram de agosto de 2010 a janeiro de 2011, sendo registradas através de gravações em áudio e anotações. Para descrever os critérios escolhidos para a seleção final do material utilizado neste trabalho, dentre todos os referidos acima, utilizo-me das palavras da educadora musical Ângela Crivellaro:

Não devemos nos esquecer que, como professores, estamos atuando dentro de locais reais, com situações concretas. As situações que ali surgirem sempre deverão ser respeitadas por nós, e devemos ter, sobretudo, a capacidade de ver o que nos interessa, julgando através de coerência, intuição e utilidade instrumental (Crivellaro, 2006, p. 27).

Das sete entrevistas realizadas com os componentes da Orquestra, utilizarei apenas seis nesta monografia, em virtude de considerar que a sétima aproxima-se muito, em caráter informativo, às demais. As duas primeiras entrevistas aconteceram no dia 31 de agosto de 2010, com as integrantes Eriadny Álana Borges de Borba e Karolin Brenda Vieira Pires.

A entrevista da Eriadny, que participa da Orquestra há cinco anos, aconteceu na sala dos professores da escola. A estudante tinha, na época, 15 anos – já havendo

² Dado de abril de 2011.

³ Que muitas vezes participam de Oficinas também.

completado seus 16 anos agora em 2011 – e cursava o 1º ano do Ensino Médio na Escola Estadual Júlio de Castilhos. Moradora da Lomba do Pinheiro desde que nasceu, estudou na Escola Villa-Lobos durante todo o Ensino Fundamental. Um de seus irmãos também compõe a Orquestra. Eriadny é monitora das turmas de iniciação à flauta doce. Além da flauta, ela também toca violoncelo – seu principal instrumento no grupo artístico –, violão, cavaquinho e percussão.

A entrevista de Karolin, de 18 anos, foi na “sala acústica”⁴. Ela cursava o 2º ano do Ensino Médio na Escola Estadual Padre Rambo. Karolin mora na Lomba do Pinheiro desde pequena e, como Eriadny, cursou todo o Ensino Fundamental na Escola Villa-Lobos. Participa da Orquestra há um ano, contabilizando três anos no Programa. Uma de suas irmãs também integra o grupo artístico e outra participa das Oficinas. Além da flauta – seu instrumento principal na Orquestra –, ela participa das Oficinas de Canto-Coral, Violão, Piano e Percussão. Karolin, ainda frequenta um curso de extensão promovido pelo Instituto de Artes da UFRGS.

No dia dezoito de novembro de 2010, realizei outras três entrevistas, ambas na sala não-acústica da Orquestra. A primeira foi com Eguivaldo Lucas Soares, de 21 anos. Ele havia interrompido os estudos no 2º ano do Ensino Médio, “por causa do quartel”, como ele mesmo explicou, mas tinha planos de voltar a estudar em 2011. Ele mora na Vila MAPA desde que nasceu e é um dos componentes mais antigos da Orquestra: são dez anos como participante. Eguivaldo toca violão, teclado, flauta e cavaquinho – seu preferido.

A segunda entrevistada desse dia foi Thalita Suyane Mença da Cruz, de 12 anos, que cursa a 6ª série do Ensino Fundamental na Escola Villa-Lobos. Thalita mora na comunidade, e seus irmãos – um mais novo e outro mais velho – também participam da Orquestra. Há três anos compondo o grupo artístico, ela apresenta-se tocando todos os naipes da família das flautas doces e, especialmente, com o violino, seu instrumento preferido.

A terceira entrevista foi realizada com Jerusa dos Santos Silva, de 17 anos. Ela é estagiária na Junta Militar, das 10h às 14h. À tarde, participa dos ensaios da Orquestra e é monitora das turmas de iniciação à flauta doce. À noite, cursa o 2º ano do Ensino Médio. Participa da Orquestra há aproximadamente quatro anos, onde é colega de sua irmã mais nova e de seu namorado. Sabe tocar cavaquinho, violão e todos os naipes da

⁴ Sobre a sala acústica falarei a seguir.

família das flautas doces – a tenor é seu instrumento principal nas apresentações do grupo artístico.

A última entrevista com os estudantes foi realizada no dia 23 de novembro de 2010, na sala acústica do Programa, com o estudante Leandro Lima Melgarejo, de 15 anos. Aluno da Escola Villa-Lobos, onde cursa a 8ª série (ou, equivalentemente, à turma de C30 do sistema de ensino da Secretaria Municipal de Educação), - Leandro participa do grupo artístico há aproximadamente dois anos, apresentando-se com o violoncelo – seu instrumento principal – e com a flauta doce. Ele mora na Quinta do Portal (região vizinha à Vila MAPA) há aproximadamente 10 anos, desde que se mudou de Canoas para Porto Alegre.

A entrevista com a professora Cecília Rheingantz Silveira aconteceu dia 11 de janeiro de 2011, na Zona Sul de Porto Alegre, na escola de música onde trabalho. A professora Cecília é a idealizadora e coordenadora do Programa Orquestra Villa-Lobos, além de regente e produtora do grupo artístico pesquisado.

No início do primeiro capítulo, denominado *Considerações Iniciais acerca do Programa “Orquestra Villa-Lobos”*, apresento a trajetória e a ampliação do Programa Orquestra Villa-Lobos, bem como de seu grupo artístico principal. Na seção 1.2, procuro pensar nas condições que possibilitaram ao Programa alcançar a dimensão que tem hoje – como questões financeiras, logísticas, de recursos humanos.

O segundo capítulo faz referência aos aprendizados dos componentes da Orquestra. Na seção 2.1, refiro-me especificamente ao aprendizado de música, eixo norteador do trabalho junto ao grupo artístico. Na seção 2.2, apresento outros saberes e habilidades desenvolvidos pelos participantes a partir das experiências junto ao grupo artístico – a organização, a responsabilidade, o comprometimento, a capacidade de tomar decisões e de enfrentar desafios. Encerro o capítulo 2 discorrendo sobre as oportunidades conquistadas por estas crianças e jovens, como cursar uma graduação, viajar e realizar audições em locais consagrados da cidade, como o Theatro São Pedro, por exemplo.

No início do terceiro capítulo, procuro pensar a Orquestra como uma possibilidade de fuga às condições de assujeitamento vividas pelos meninos e meninas de classe popular, moradores da periferia e estudantes de escola pública. Na seção 3.2, analiso o repertório do grupo artístico, de acordo com os programas das últimas apresentações de final de ano, bem como através das observações de campo e entrevistas realizadas. Na seção 3.3, apresento a importância do “mostrar-se” para os

componentes da Orquestra – englobando questões de performance, auto-estima, vaidade e orgulho de poder ser reconhecido pelo trabalho realizado. Encerro o último capítulo trazendo algumas mudanças advindas das experiências geradas pelas oportunidades conquistadas pelos componentes da Orquestra.

Nas considerações finais, busquei pensar minha prática como pesquisadora, bem como minhas vivências junto ao grupo. Também trago algumas questões referentes ao caráter subversivo da Orquestra, de suas possibilidades de auxiliar na formação dessas crianças e jovens, em caráter mais amplo que o musical – embora seja por meio deste que as experiências e os aprendizados ocorrem, no grupo artístico.

1 Considerações Iniciais acerca do Programa “Orquestra Villa-Lobos”



Figura 2 – Apresentação na SMED

1.1. Orquestra Villa-Lobos

O *Projeto* hoje chamado *Programa* “Orquestra Villa-Lobos” surgiu em 1992, na Escola Municipal Heitor Villa-Lobos, então sob o título de “Clube de Flautas”. A professora Cecília Rheingantz Silveira, idealizadora e coordenadora desse trabalho, iniciou com uma turma de 15 estudantes, que no turno inverso ao escolar, eram musicalizados através da flauta doce. O projeto foi crescendo, ganhando visibilidade, conseguindo patrocínios, aumentando seu quadro de professores e abrindo vagas para monitores, atendendo cada vez mais estudantes. De “Clube de Flautas” passou a se chamar “Orquestra de Flautas” e, ao completar 18 anos, finalmente, “Orquestra Villa-Lobos”.

Segundo a professora Cecília, o trabalho teve, desde o princípio, o objetivo de realizar com seriedade a iniciação musical por meio da flauta doce, de forma que o aprendizado da música não fosse visto pelos estudantes como um passatempo. A flauta doce, instrumento pelo meio do qual a professora havia ela própria se musicalizado, foi escolhida também por ser o instrumento mais viável economicamente e bastante apropriado para trabalhar em grupo. O número de vagas iniciais foi determinado porque a escola havia cedido, no princípio, somente duas horas semanais para a professora dedicar-se à oficina, sendo formado assim apenas um grupo, que foi atendido pela professora Cecília. Segundo ela:

A percepção auditiva, a percepção rítmica, melódica e até harmônica também dessas crianças era muito rápido de serem desenvolvidas. Então isto foi me motivando e, na verdade, me empurrando para que o processo não ficasse por ali mesmo. Então pode-se dizer assim: que nos 4 anos seguintes, 5 anos seguintes, o trabalho tinha mais que triplicado em número de atendimentos, mas aí a gente começou a ter questões assim de logística complicadas, como sala, uma professora só para atender a todos eles... (Prof. Cecília, entrevista, em 11/01/2011).

Neste momento, por volta de 1996, a SMED ofereceu mais dez horas para a professora Cecília dedicar-se ao projeto, somando 30 horas de trabalho na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre (RME). Posteriormente, a SMED ofereceu à professora Cecília ainda outras horas para trabalhar nas oficinas e, desde 2003, ela se dedica exclusivamente ao programa, atualmente com 60 horas semanais na Rede.

No final do ano de 1993 o grupo tornou-se conhecido da Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho, da RBS de televisão – e, deste contato, surgiu a oportunidade de participar de um programa que estava sendo implementado por eles, chamado *Música e Cidadania*, de assistência a seis projetos musicais que tivessem uma referência ao trabalho social. A partir disso, o projeto Orquestra Villa-Lobos cresceu em questão de apoios – os recursos financeiros não eram mais apenas públicos –, e, conseqüentemente, em número de estudantes e de docentes – pois com este auxílio foi possível contratar outros professores de música.

Com oito anos à época, o então projeto “Orquestra de Flautas” conquistou uma sala acústica⁵. Hoje, o grupo conta com duas salas exclusivas dentro da escola – a segunda, que não possui isolamento acústico, foi adquirida aos 13 anos de projeto -,

⁵ Sala com isolamento acústico, de paredes brancas, que contém seis armários onde são guardados instrumentos, partituras e outros pertences do Programa, 45 cadeiras (muitas com braços – mesas acopladas), onde fica o primeiro piano adquiridos pela Orquestra e onde são realizadas as Oficinas que exigem mais espaço, bem como os ensaios.

onde são realizadas as oficinas e os ensaios do grupo artístico e onde são guardados os instrumentos e as partituras da Orquestra.

Há cinco anos, existe a parceria entre a Orquestra e o Instituto Cultural São Francisco de Assis, situado na comunidade da Vila MAPA, na parada 15 da Lomba do Pinheiro. Segundo a professora Cecília, esta parceria auxiliou inclusive no fortalecimento do vínculo com a comunidade, na compreensão das necessidades dessa comunidade e no desenvolvimento de um trabalho de assistência social. Os profissionais que atuam na Orquestra hoje – professores e monitores, com exceção da professora Cecília – são todos contratados pelo Instituto parceiro.

Atualmente, o grupo “Orquestra Villa-Lobos” é mais referido como programa que como *projeto*, pois apesar de ainda estar crescendo, já está instituído dentro da escola e da comunidade. O Programa conta atualmente com 14 professores e quatro oficinairos (os monitores, que auxiliam o trabalho desenvolvido nas Oficinas). Em abril de 2011, através de 55 turmas, foram realizados 650 atendimentos às crianças e jovens da comunidade da Vila MAPA.

As oficinas oferecidas neste ano de 2011 são: Cavaquinho, Contrabaixo Elétrico, Coral Adulto, Coral Infanto-Juvenil, Expressão Corporal, Flauta Doce, Flauta Doce Avançada, Grupo de Cordas, Monitoria de Flauta Doce, Monitoria de Violoncelo, Monitoria de Violino, Musicalização Infantil, Percussão, Piano, Teclado, Teoria e Percepção Musical, Viola, Violão, Violino e Violoncelo.

O grupo artístico realizou 90 apresentações durante o ano de 2010. A apresentação de final de ano aconteceu no Teatro do Bourbon Country, à tarde para as escolas municipais e à noite para o público em geral. A composição da Orquestra, atualmente, conta com 11 flautas doces soprano, sete flautas doces contralto, cinco flautas doces tenor, seis violinos, quatro violoncelos, um teclado, um violão, um cavaquinho e um baixo elétrico, além de três estudantes que atuam na percussão.

1.2. “A escola tem na Orquestra uma referência de si mesma”

Para que este Programa se ampliasse, desde o *Clube de Flautas* de 1993, com 15 integrantes e uma professora, até a *Orquestra Villa-Lobos* de 2010, com 18 profissionais e mais de 400 atendimentos mensais, alguns acontecimentos, algumas aquisições e algumas realizações foram imprescindíveis. Nesta caminhada, o Programa

deparou-se com problemas sociais, econômicos, políticos, pedagógicos e de logística, que foram sendo superados um de cada vez, mas sempre consciente de suas potencialidades.

Inicialmente, o então projeto não possuía uma sala específica para a realização dos encontros. Em virtude disso, os sons emitidos pelos demais estudantes da escola que circulavam pelos corredores, pelo pátio e até mesmo dentro das salas de aula vizinhas, interferiam no desenvolvimento do trabalho musical, assim como o som das flautas podia ser escutado por estudantes que estavam em suas aulas regulares. Com oito anos, o Programa conquistou uma sala com isolamento acústico, como já apontado.

Atualmente, nesta sala, são realizados os ensaios da Orquestra, sem interferência externa e sem a preocupação de atrapalhar as aulas das turmas regulares. A aquisição das duas salas que pertencem ao grupo hoje também facilitam a organização e a segurança do material que o programa possui e permite que, pelo menos, duas oficinas sejam realizadas ao mesmo tempo.

Porém, as questões de logística não se limitam às salas ou ao material a ser utilizado. O número limite de componentes do grupo artístico também é determinado por questões desta natureza. A Orquestra já contou com 55 integrantes em seu grupo artístico, porém o transporte e a disposição em palcos pequenos, por exemplo, tornaram inviáveis a manutenção deste número de participantes. As viagens e as apresentações tornavam-se, também, mais onerosas. Com isso, decidiu-se que o limite de componentes seria 45, dos quais comparecem a todos os eventos cerca de 40 deles. *“Tudo neste trabalho, a gente foi experimentando e foi descobrindo o que funcionava melhor”*, explicou a professora Cecília.

Outro aspecto pensado a partir de problemas logísticos foi a apresentação do grupo artístico ao público. O maior espaço da escola que pode abrigar a Orquestra e os pais dos componentes é o refeitório. Porém, a dimensão do grupo hoje é muito maior e não são apenas os pais que desejam acompanhar estes espetáculos. Para que outros familiares, amigos e público em geral – mesmo que sem relação com os componentes da Orquestra – pudessem acompanhá-la, a professora Cecília decidiu realizar uma apresentação anual de fim de ano em um local que abarcasse essas condições. O espetáculo de 2010, intitulado *Criar*, foi realizado em dezembro no Teatro do Bourbon Country.

O surgimento e o crescimento da *Orquestra* sempre estiveram envoltos em relações de luta e resistência. Para que a ação alcançasse a proporção que tem hoje, uma

série de questões políticas precisaram ser tensionadas e discutidas, e continua sendo assim. Em primeiro lugar, porque apesar de estarem em uma escola, muitos dos profissionais que nela trabalham entendem o som e a mobilização de estudantes em torno da música como “bagunça”, não somente na Escola Villa-Lobos. Parece-me que existe, ainda hoje, infelizmente, uma cultura que conecta silêncio com seriedade e imobilidade com disciplina, que impera em muitas escolas e salas de aula.

“Eles [os professores da escola] sabem que existe [a Orquestra]. Só que às vezes eu acho que eles não têm muito interesse”, comentou comigo uma componente da Orquestra. *“Não sei se eles não se interessam por conhecer ou se eles... eu não sei se eles gostam do trabalho da Cecília aqui, eu não sei”*, explicou outra integrante. *“Eles têm que ser participativos, porque muitas vezes quando a gente tem apresentação de manhã, eles têm que deixar a gente sair”*, argumentou um participante do grupo artístico *“ou eles têm que adiar uma prova porque a gente tem apresentação naquele dia, então eles têm que estar a par de tudo o que está acontecendo aqui”*, completou.

Uma das formas encontradas pela professora Cecília para trabalhar esta situação foi colocar a Orquestra na “vitrine”, ou seja, fazer apresentações dentro da escola, divulgar a ação como um todo, estar presente na sala dos professores mesmo que isso não seja exigido dela. É necessário que o trabalho apareça, especialmente àqueles que não querem vê-lo. Nesta escola em particular, através do desenvolvimento deste trabalho artístico, foi sendo modificada a percepção de professores e funcionários acerca de “som”, “barulho”, “bagunça” e “arte”. Outro aspecto que auxiliou nessa mudança de sentimentos e crenças foi a Oficina Coral, composta em grande parte por professores da escola, que auxiliam na formação de uma nova imagem a respeito do grupo artístico.

A professora Cecília explicou-me que *“a própria música desconforta, porque ela brilha. A arte aparece, querendo ou não, não tem como a arte não aparecer”*, referindo-se a questões mais amplas do que a existência da Orquestra, que é a própria disciplina de música ou de artes visuais. E essa, ao que me parece, é uma luta que precisa ser travada em todas as escolas, de conscientização de que movimento e som não são, necessariamente, desordem.

Apesar de hoje receber recursos privados e contar com professores que não são contratados pelo município de Porto Alegre, o Programa está sediado em uma escola municipal, a professora Cecília é nomeada da RME e *“a escola tem na Orquestra uma referência de si mesma”*, conforme explicou-me a professora Cecília (entrevista em 11/01/2011). Com isso, é necessário cultivar o vínculo entre o Programa e a escola e

entre ele e a SMED – e por conseqüência, ao governo municipal. As eleições para direção da escola ocorrem a cada três anos e as eleições municipais ocorrem a cada quatro anos. Com isso, as questões sobre a Orquestra, sua ampliação e seus interesses precisam estar constantemente sendo discutidas.

Sempre permeadas pelas questões políticas, surgem também questões econômicas e administrativas. Segundo a professora Cecília, o ano de 1999 foi considerado um divisor de águas. A partir dali, o Programa passou a receber apoio financeiro de instituições privadas, não dependendo mais exclusivamente de recursos públicos. A necessidade de buscar esses recursos surgiu da vontade de ver o programa crescer e atingir mais estudantes, que o procuravam e não podiam ser atendidos. A sustentabilidade deste projeto vem sendo desenvolvida de modo a torná-lo algo não-elitista, com um limite pequeno de vagas, mas com um viés de capacitação, aprendizado e planejamento pessoal e coletivo dos que dele participam.

Através da participação no programa *Música e Cidadania*, foi possível remunerar monitores e passar a contratar outros professores. Com isso, foi ampliado o número de atendimentos e de instrumentos estudados. Depois de introduzir todos os naipes da família das flautas doces (tenor, contralto e soprano), a segunda oficina criada foi a de violoncelo. Atualmente, o programa conta, ao todo, com vinte oficinas.

Para que o Programa tomasse essa dimensão, foi necessário aprender e crescer com ele. Como professora de música e regente, seria necessário aprender a criar arranjos. Como idealizadora e coordenadora, seria necessário tornar-se gestora e assumir, assim, funções administrativas e pedagógicas fundamentais para nortear o trabalho desenvolvido. Além de cuidar integralmente do grupo artístico (agenda, ensaios, regência e repertório), a professora Cecília é responsável pela supervisão do programa como um todo, referenciando um elo entre todos eles, de forma que haja uma unidade norteadora apesar das diferenças existentes entre os professores, seus modos de trabalho e suas preferências e formações.

Atualmente, a *Orquestra* tem o apoio do *Instituto Cultural São Francisco de Assis*, que é responsável pela folha de pagamento dos professores e monitores e por toda a parte burocrática, conforme referiu a professora Cecília.

Devido à visibilidade alcançada, atualmente a Orquestra Villa-Lobos recebe, eventualmente, doações de instrumentos – os dois pianos, por exemplo, foram doados. Também realiza apresentações em que recebe cachês, donativos em dinheiro de outras

instituições, vende camisetas e CDs da Orquestra. O valor recebido é destinado à manutenção dos materiais, ao aluguel de ônibus e às viagens realizadas.

O trabalho musical realizado no grupo artístico também continua crescendo, bem como o número de apresentações realizadas por ano. Isto é proveniente de diversos fatores, entre eles a rotina exigente de apresentações e ensaios, a formação e capacitação dos professores, as horas de estudo dedicadas ao instrumento, as oficinas avançadas e as exigências cada vez maiores para o ingresso na Orquestra.

Os ensaios ocorrem duas vezes por semana e têm duração de, no mínimo, três horas cada um. Nos ensaios, são repassadas as músicas das apresentações seguintes, que na maior parte das vezes já foram estudadas pelos componentes. Também são discutidos assuntos de ordem administrativa, como a agenda do grupo e o repertório a ser estudado.

Os atuais professores possuem formações e atuações diversas. Alguns são músicos populares e tocam à noite, outros são músicos da OSPA, por exemplo. Assim, os integrantes da Orquestra são formados na e para a diversidade, aprendendo a respeitar e atuar em diferentes estilos musicais. Todos lêem partitura, a qual são apresentados na musicalização, realizada por meio da flauta doce. Mas também são instigados a improvisar e o fazem com certa facilidade. Trabalham, também, o solfejo e a técnica dos diversos instrumentos que se propõem a estudar. Essas competências permitem uma formação ampla e consistente, passível de ser observada a cada ensaio ou a cada apresentação.

As exigências para compor a Orquestra hoje vão muito além de habilidades musicais – que já são bastante complexas. Não existe uma prova ou algo assim para integrar o grupo artístico, mas sim competências que precisam ser apresentadas por tais estudantes, que além das questões relacionadas à linguagem musical e à técnica instrumental – que serão discutidos posteriormente –, envolvem concentração, responsabilidade, comprometimento, trabalho em grupo e disposição para encarar desafios. *“Tu vais ter que enfrentar os desafios. É a nossa marca registrada, porque eles vão aparecer. E a gente vai ter que assumir o compromisso, a gente vai ter que dar conta daquilo ali”*, disse-me a professora Cecília (entrevista em 11/01/2011). Com isso, ela explicou-me que a seleção de integrantes acaba sendo quase natural, porque em torno de 10 integrantes mudam a cada ano e é aproximadamente este o número de novos estudantes que apresenta as condições exigidas, são *“outras habilidades aplicáveis em outras situações”*, não somente à Orquestra, completou ela.

Sobre a relação entre a Orquestra e a comunidade e sobre sua expansão, a professora Cecília comentou:

É que na verdade a Orquestra não faz parte de um programa municipal de educação popular. Não faz parte. A Orquestra, ela é um programa que nasceu dentro de uma escola. E assim se mantém. Onde que ela se alastrou? Dentro daquela comunidade, dialogando com outras instituições daquela comunidade. Ela tem uma força muito grande na comunidade. (Profa. Cecília, entrevista em 11/01/2011).

Estes aspectos acima apresentados servem de alicerce para o desenvolvimento e crescimento da Orquestra e foram sendo trabalhados sempre que surgiram as oportunidades e as necessidades de assim o serem. E são estes aspectos que constroem esse programa com características próprias, de forma única e diferenciada, e permite que ele continue crescendo quantitativa e qualitativamente. Utilizo-me, novamente, das palavras da professora Cecília.

Podia não ter ido adiante. Esse foi. Que outros professores formados têm essa... tem que ter um foco, tem que ter objetivo. Tem esse objetivo, inclusive esse desprendimento de tantas coisas, muitas vezes até de uma coisa meio obstinada, de querer que tudo dê certo. Porque tinha tudo pra dar errado. Eu não tinha sala, eu não tinha carga horária, eu não tinha instrumento. Eu não tinha nada, então podia ter nascido e morrido na mesma hora, podia. Então eu acho que, assim, aconteceu. Não sei se, hoje, outra pessoa entrando naquela escola teria acontecido da mesma maneira. Não sei se eu, voltando ao tempo, teria... não sei... aconteceu nessa escola dessa forma. Que bom que pudesse acontecer em muitas outras, de outras formas. Não precisa ser dessa. (Profa. Cecília, entrevista em 11/01/2011).

2 Experiências



Figura 3 – Violonista

2.1. “Fazer música, não apenas escutar, isso é uma coisa muito gratificante”

Tomando como foco central a educação musical, o programa Orquestra Villa-Lobos possui outros dois vieses importantes: o trabalho artístico e o trabalho social. Essas três características – a educação musical, o trabalho artístico e o trabalho social – permeiam e compõem o trabalho de todos os integrantes e profissionais envolvidos pelo Programa. É através da educação musical que as outras duas marcas do projeto se desenvolvem.

Enquanto Clube de Flautas, o trabalho permanecia ainda em nível musical e pedagógico, mas a partir do envolvimento com questões artísticas mais amplas – como performances em palco – e com as características sociais e culturais daquela comunidade, o *projeto* passou a ser instituído como *programa* e o *Clube* tornou-se

Orquestra. Mas o aprendizado musical também foi sendo intensificado, atingindo cada vez mais estudantes, envolvendo cada vez mais a comunidade, qualificando-se a cada ano e tornando-se, assim, referência para a Escola Villa-Lobos e para a Vila MAPA.

Conforme exposto anteriormente, a qualidade musical apresentada pelo grupo artístico é proveniente de diversos fatores, começando pelas competências musicais exigidas de um estudante hoje para compor a Orquestra. É fundamental que os integrantes tenham uma boa leitura à primeira vista, *“pra dar conta da exigência, porque é muita apresentação, porque às vezes uma partitura tem 15 minutos para ser aprendida e o resto do ensaio vai ter que trabalhar em outras coisas”*, como me disse a professora Cecília. Ela comentou sobre o resultado desta exigência:

O que isto ocasionou nos últimos dois ou três anos? Um grupo da Orquestra com uma competência musical muito mais elevada. Então a gente inclusive ousa trabalhar repertórios mais complexos. A gente ousa colocar uma agenda de 90 apresentações ao ano. Porque a gente sabe que tem o material humano que vai dar conta disso. (Profa. Cecília, entrevista em 11/01/2011).

Outro fator esperado dos integrantes é o domínio da técnica do instrumento, que precisa dar conta da exigência que a Orquestra apresenta. A estudante Jerusa Santos da Silva explicou que o nível de qualidade técnico dos componentes do grupo artístico vem aumentando a cada ano: *“Cada vez vai aumentando, vamos dizer, como se fosse um nível de aprendizado. Agora nosso nível tá bem acima do que a gente tocava. A gente não trabalhava articulação, dedilhado, qualquer coisa assim. Agora a gente trabalha isso”* (Jerusa, entrevista em 18/11/2010). Ela atribui essa evolução à oficina de Flauta Avançada, ministrada pelo professor Vladimir Soares, que trabalha estas entre outras questões e permite que sejam desenvolvidos repertórios mais complexos *“Melhorou mais ainda a qualidade de som. Antes, nunca ficava perfeito”*, completou ela.

Em relação ao repertório e à leitura musical, Jerusa explicou a importância da preparação das turmas de iniciação, ministradas pela professora Keliezy: *“Porque depois quando eles entram [na Orquestra], já conseguem ler. Quando nós entramos, nem sempre a gente conseguia ler as partituras. E as partituras eram sempre de um tempo [referência a semínimas], era fácil”*, explicou ela, estalando os dedos para exemplificar que as músicas, antigamente, eram compostas em grande parte por semínimas, havendo hoje subdivisões de tempo, consideradas pela estudante um fator de dificuldade apresentado nas partituras. Ela exemplifica esse contraste entre as melodias mais simples, estudadas quando ela iniciou na Orquestra, e as partituras ensaiadas pelo grupo atualmente: *“Agora, que nem a gente está tocando [o] Canon [de*

Pachelbel]. É bem diferente. As partituras são mais difíceis do que quando a gente entrou”.

Durante os ensaios que assisti, diversas vezes a professora Cecília solfejou com os estudantes trechos de uma música. Em certos momentos, pelos corredores, no ônibus ou antes de alguma apresentação, duplas ou trios de componentes se reuniam e solfejaram alguma música também. Percebi que esta prática é comum para os integrantes da Orquestra, que a realizam com frequência e sem dificuldade, utilizando-a como recurso de estudo ou, por vezes, de memorização. Quando a finalidade era memorizar um trecho de uma música, o solfejo vinha acompanhado de gestos com as mãos, simulando o dedilhado nas flautas.

Mas além do solfejo e da boa leitura de partitura à primeira vista, outras características se destacam entre os componentes da Orquestra. É fácil observar, por exemplo, a capacidade de criar que os estudantes apresentam. Na oficina Matéria Sonora, confeccionavam instrumentos com sucata e, a partir disto, produziam diversos sons. Como resultado, no recital de final de ano, em 2010, foi apresentada uma composição coletiva, intitulada *Punk Sonoro*. O cenário da referida apresentação também foi produzido por eles, com o auxílio da professora de artes visuais da escola. Com estas inspirações, o espetáculo foi denominado *Criar*.

A improvisação é outra prática recorrente nas oficinas e a criação de novas melodias aparece nos corredores, nos cantos das salas, em meio a ensaios em pequenos grupos. E esta característica acaba exigindo dos professores uma atenção e um trabalho específico. Na oficina de violão, por exemplo, o professor dedica um tempo específico especialmente para a improvisação, por parte dos estudantes, em cima de algum ritmo que ele produz. O professor de piano também demonstra um cuidado especial a alunos que gostam de improvisar e que o fazem com certa facilidade, trazendo arranjos “*que pedem uma improvisação*”, como conta a professora Cecília, especialmente para estes alunos “*que não conseguem tocar o teclado sempre igual*”.

Outro aspecto que pude perceber caracteriza o quanto os estudantes conseguem se ouvir e ouvir aos colegas, competência fundamental para o aprendizado musical coletivo e fator muito desenvolvido pelos componentes da Orquestra. Certo dia, ao sair da sala acústica, encontrei um menino sentado no corredor tocando “Burguesinha” – do compositor Seu Jorge – no cavaquinho. Neste momento, ele ouviu os integrantes da Orquestra ensaiando “Aquarela”, de Toquinho, e começou a tentar tocá-la também. Ele

escolheu algumas notas, corrigiu, tentou de novo. E em alguns instantes, conseguiu tocar um trecho da melodia.

Durante o trabalho de campo, através do acompanhamento dos ensaios, fui percebendo que os componentes da Orquestra apropriam-se de novos arranjos com rapidez; interagem entre si nos ensaios, corrigindo-se mutuamente; ensaiam exaustivamente até considerarem a interpretação excelente; organizam-se para ensaiarem em pequenos grupos em outros momentos. O comprometimento, as horas de estudo e o desenvolvimento das habilidades acima referidas possibilitam uma qualidade musical reconhecida inclusive por outros profissionais da área da música e garantem a preparação desses componentes até mesmo para a Prova Específica do vestibular de música do Instituto de Artes da UFRGS⁶.

Essas habilidades são desenvolvidas através de muito estudo e de uma rotina de apresentações e ensaios bastante exigente. Os ensaios da Orquestra ocorrem duas vezes por semana, com duração de no mínimo três horas cada um. Os integrantes do grupo artístico participam, ainda, de diversas apresentações mensais e de algumas oficinas, a fim de auxiliar o trabalho artístico – como as oficinas de aperfeiçoamento de seu instrumento, como, por exemplo, de *Flauta Avançada* e de *Expressão Corporal*. Muitos, ainda, participam de outras oficinas a fim de ampliarem seu conhecimento musical sem relação estrita e obrigatória com seu instrumento na Orquestra, mas que acrescentam ao trabalho artístico como um todo, através das oficinas *Matéria Sonora*, *Grupo de Cordas*, *Canto Coral* e *Percussão*, por exemplo.

Eriádny de Borba, integrante da Orquestra e monitora voluntária (porque ainda não completou 16 anos), comentou que quando assistia ao grupo se apresentar na escola, antes de fazer parte dele, “*achava que era muito fácil. Mas agora eu vi que é difícil, que tem que ralar mesmo*”. O componente Leandro Melgarejo também relatou sobre a rotina do grupo artístico e afirmou que, atualmente, quando entra em férias sente uma agonia, porque está acostumado a ter que ir para a Orquestra quase que diariamente:

E ainda no início foi trabalhoso pra mim por que eu não estava acostumado ainda com tu ter que vir aqui de tarde muitas vezes, no colégio. Eu vinha de segunda à sexta no colégio e pra mim era muito difícil, porque eu tinha que levar meus irmãos no colégio, eu tinha que organizar a casa, daí até eu me adaptar levou um tempo. Hoje em dia eu até faço mais coisa que naquela época. Que quando tu tá na Orquestra, às vezes eu falo pra minha mãe, a Orquestra é quase como um estágio, porque eu, por exemplo, eu venho de

⁶ Essa ressalva é importante, pois a Prova Específica dos cursos de graduação em música da UFRGS é conhecida por seu alto grau de exigência.

segunda a sábado aqui. E às vezes eu chego até depois dos meus pais em casa. Isso quando não tem uma apresentação no domingo. (Leandro, entrevista em 23/11/2010).

A Orquestra é *“uma coisa que está a todo momento, até na hora de dormir tem que está pensando naquela música, geralmente a música que tu tá tentando tocar, que tu tem que ensaiar”*, explicou a Jerusa, única componente do grupo artístico que consegue conciliar o estudo regular, um estágio e os ensaios da Orquestra. Para conseguirem participar das atividades do grupo e assumir outras responsabilidades, como estudo para a escola, organização da casa, cuidado com irmãos mais novos e integrar outras oficinas dentro do programa, cada integrante da Orquestra desenvolve uma estratégia particular. Alguns precisam levar o irmão para acompanhar os ensaios do grupo artístico, outros elaboram tabelas onde escrevem os dias das semanas, divididos de hora em hora, anotando seus compromissos.

O programa é constituído por oficinas abertas a estudantes que não integram, necessariamente, o grupo artístico principal. Através da participação também nesses outros grupos, muitos dos integrantes da Orquestra aprendem a tocar mais de um instrumento e ocupam os momentos em que não estão ensaiando nem se apresentando. No primeiro ensaio da Orquestra que assisti, um menino tocou violão, teclado e percussão. O grupo que iniciou tocando violino também ensaiou algumas músicas na flauta. A partir disso, percebi que a maior parte deles tocava mais de um instrumento ao longo de um mesmo ensaio, de uma mesma apresentação.

De acordo com a disponibilidade de vagas nas oficinas e do tempo do aluno que apresenta vontade de participar daquela atividade, eles são selecionados para compor estes outros grupos, denominados oficinas. Através das experiências oferecidas, os estudantes desenvolvem preferências, como exemplificou a Jerusa:

É que me encanta o grave. Eu passei da soprano pra contralto, da contralto fui pra tenor. E aqui na tenor eu fiquei. Eu gosto do grave, por isso eu tenho vontade de aprender violoncelo. Tentei violino, não deu certo. Agora imagina aquele violino aqui e tu tocando, passando o arco. Aquela vez que eu fui tentar, não deu. Já me deu uma coisa, eu fico toda arrepiada. Mas a cada vez eu tento tocar mais instrumentos. (Jerusa, entrevista em 18/11/2010).

“Eu, particularmente, adoro participar da Orquestra porque aqui eu tenho muitos amigos. E o fato de eu aprender instrumentos”, comentou o Leandro. *“Fazer música, não apenas escutar, isso é muito gratificante”* (Leandro, entrevista, em 23/11/2010), resumiu o estudante, acerca de seu aprendizado musical. Ele explicou que *“está participando do mundo da música”*, que adora música e especialmente fazer música.

A professora Cecília explica que a educação musical é o foco central do Programa, porque *“ali está toda a nossa energia colocada. Todo o nosso investimento pessoal e coletivo é para que a educação musical seja feita com qualidade e seja inovadora também, na busca de uma característica própria de trabalho”* (Profa. Cecília, entrevista em 11/01/2011). Através da educação musical, são desenvolvidos os outros dois focos importantes do programa, as marcas artística e social. A música, na Orquestra, adquire valor estético, por si só e em sua articulação com outros fazeres artísticos – como a expressão corporal e a produção dos cenários – e, com isso, constrói sua marca artística. A característica social surge no sentido de assistência social, pela característica da comunidade envolvida, e no sentido de relações sociais, pelo convívio quase que diário e pelos aprendizados individuais e coletivos envolvidos no percurso do desenvolvimento do trabalho.

Estes outros dois focos do trabalho realizado no programa como um todo e no grupo artístico, em particular, serão discutidos a seguir, através da apresentação de outras habilidades (não somente musicais) apreendidas pelos componentes da Orquestra – como organização, concentração e responsabilidade – e de experiências proporcionadas e vivenciadas por eles.

2.2. “A Orquestra transforma vidas mesmo”

A seleção para novos componentes da Orquestra é realizada a partir do acompanhamento dos 20 estudantes de cada uma das quatro turmas de iniciação musical através da flauta. Desde o ingresso nessas oficinas, os estudantes são observados em sua totalidade, o que envolve o aprendizado da linguagem musical e da técnica do instrumento e outras características fundamentais para compor o grupo artístico. Como referido anteriormente, é necessário estar disposto a enfrentar desafios, considerados, pela professora Cecília, marca registrada do programa. Segundo ela, as exigências para estar na Orquestra *“são muito complexas, não é só musical, é de objetivo”*. É preciso ter como objetivo realizar um trabalho musical de qualidade, desenvolver uma série de habilidades passíveis de serem aplicáveis em outros trabalhos e outros momentos da vida, não somente relacionados à música, e é necessário *“ter um projeto de vida”*, como refere a professora, que vai sendo delineado ao longo das experiências vividas pelos componentes.

A Orquestra “*é uma família*”, disse-me a estudante Karolin. A comparação com a família decorre da convivência quase que diária com os demais integrantes e é utilizada por outros participantes do grupo também, como o Eguivaldo Soares, que participa da Orquestra há dez anos, e que explicou que “*hoje em dia, é como se fosse uma segunda família. Eu estou sempre aqui. Fico mais aqui que em casa*”. Muitos deles possuem irmãos que também integram o grupo artístico, o que amplia o sentimento de ambiente familiar.

A professora Cecília comentou que existem questões de relações humanas que precisam ser trabalhadas, às vezes, nos ensaios, porque é fundamental que os componentes convivam bem e aprendam a trabalhar em grupo. Quando perguntei a um estudante o que ele menos gostava na Orquestra, ele respondeu: “*Os pequenos conflitos que sempre existem num grupo grande*”. Esses conflitos são administrados na medida em que os integrantes passam a reconhecer o papel fundamental do *outro* na formação do grupo e a reconhecer o quanto a diferença desse *outro* precisa ser respeitada, podendo, inclusive, acrescentar à sua própria formação.

Essa convivência também permite que os componentes desenvolvam fortes vínculos de amizade. Durante o trabalho de campo, percebi que existem alguns grupos, formados de acordo com a idade, o tempo dentro da Orquestra ou algumas características comuns – como o grupo de estudantes de violino –, que permanecem o tempo todo juntos. Outras amizades são formadas de acordo com características externas ao programa, como integrar a Escola de Samba da Vila MAPA ou gostar de jogar *video-game*. Porém, de forma geral, toda Orquestra se relaciona harmoniosamente. Os grupos conversam e interagem entre si, todos demonstram respeito e interesse pelos outros. Os componentes cumprimentam os colegas individualmente com um beijo ao chegarem ao ensaio e se despedem da mesma forma.

Tocar mais de um instrumento em um mesmo espetáculo exige outra característica que se destaca no grupo artístico: a organização de tempo e de espaço. Na apresentação de final de ano de 2010, por exemplo, o palco precisou ser reorganizado diversas vezes. As caixas onde sentavam os violinistas e violoncelistas precisavam ser retiradas do palco para que o grupo apresentasse a música *Fome Come* (de Paulo Tatit e Sandra Peres), resultado da oficina de *Expressão Corporal*. O número e a disposição de estantes no palco precisava ser adequada à quantidade de estudantes que tocavam flauta em cada música apresentada, ou seja, quando os violinistas tornavam-se flautistas era necessário modificar a disposição das estantes. Os estudantes que tocavam teclado ou

violão em uma música e percussão em outra precisavam atravessar o palco do Teatro do Bourbon Country sem atrasar o início da música seguinte. Tudo isto exigiu muitos ensaios, organização e concentração dos integrantes e dos professores que assistiam em pontos estratégicos para auxiliar no que fosse necessário nessa montagem e desmontagem do palco.

Os próprios componentes discorreram sobre seus aprendizados e seu crescimento pessoal dentro da Orquestra. *“Eu acho que eu cresci, eu fui crescendo, que sou até às vezes um pouco sensível no que vou pensar, no que vou falar”*, explicou a Karolin, enfatizando que *“a Orquestra transforma vidas mesmo”*, e como *“é muito bom de viver aqui com o grupo”* (Karolin, entrevista em 31/08/2010). *“Noventa por cento da minha vida é Orquestra, porque ali que eu aprendi, desde ser responsável, tudo. Conheci lugares que eu não conhecia também, e eu nunca pensei que ia tocar o que eu toco e aí foi ficando cada vez mais importante”*, contou-me a estudante Eriadny (Entrevista em 31/08/2010).

Quando perguntei para o Eguivaldo o que ele mais gostava na Orquestra, ele respondeu que *“fora as apresentações, tem a aprendizagem. Toda apresentação é uma aprendizagem nova, um lugar [novo], de como se portar nos lugares”*. Assisti a um encontro de oito escolas municipais na Secretaria Municipal de Educação, onde cada escola apresentava seus estudantes em um trabalho musical. Os integrantes da Orquestra Villa-Lobos foram os participantes do encontro que mais respeitaram as demais apresentações, fazendo silêncio quando necessário e aplaudindo cada grupo de colegas. Esse comportamento é resultado de um trabalho de conscientização desenvolvido por todos os componentes e professores do grupo artístico.

Leandro também comentou sobre os aprendizados dele como integrante da Orquestra:

A Orquestra pra mim foi muito bom, porque ela já me ensinou a me adaptar a uma rotina de muita caminhada e tudo o mais que a gente vai ter, futuramente, quando estiver empregado. Eu penso assim, quando a gente sai daqui, a gente sai com uma vantagem, que a gente já está acostumado a ter que ser pontual e essas coisas todas que se pede no mercado de trabalho. (Leandro, entrevista em 23/11/2010).

A professora Cecília explicou que participar da Orquestra é ser diferente na comunidade, é ser *“uma referência positiva”*. A partir de necessidades que surgem, o integrante da Orquestra desenvolve a capacidade de organização – de pensamento, de materiais, de tempo (para dar conta da agenda da Orquestra e das atividades de aula), de espaço (especialmente desde a oficina *Expressão Corporal*, ministrada pela professora

Luíza Silveira Karnas) – e aprende a tomar decisões, ser pontual nos ensaios e apresentações, trabalhar em grupo, respeitar as opiniões e as preferências dos outros – colegas e professores –, assumir responsabilidades como passar o final de semana com as chaves das salas de aula do Programa ou pegar dinheiro na carteira da professora Cecília. Então eles também acabam se destacando dentro da sala de aula do ensino regular, tornando-se referência para os colegas e, em alguns casos, lideranças dentro das turmas.

Esses aprendizados são proporcionados por experiências e oportunidades oferecidas pela Orquestra aos seus integrantes, que serão discutidas a seguir. Também descrevo alguns planos de futuro assumidos como compromissos pelos integrantes que entrevistei.

2.3. “Eu vou para o colégio já com o pensamento de que eu quero, quero muito, passar no vestibular”

Participar do grupo artístico possibilita diversas experiências a cada integrante, gera oportunidades de aprender, conhecer, crescer, destacar-se, construir planos para o futuro. Karolin pretende fazer faculdade de música e exemplificou como a Orquestra auxilia neste objetivo: *“Eu estudo muito. Eu vou para o colégio já com o pensamento de que eu quero, quero muito, passar no vestibular. Quero muito fazer faculdade. Eu penso todo dia”* (Karolin, entrevista em 31/08/2010). Ela explicou: *“É o que eu quero, eu quero seguir na música, com quantos anos eu entrar na Universidade, é até quantos anos eu vou estudar aqui”*. Certo dia, quando conversávamos, ela comentou: *“Tem dias que eu estudo e me dedico tanto que até esqueço de comer”*.

Leandro também comentou sobre estudo e futuro: *“a Orquestra deu motivação de um futuro emprego pra mim, uma futura carreira. Antigamente, eu não tinha muita expectativa do que eu ia fazer. Agora, eu queria muito entrar na UFRGS. Eu queria fazer bacharelado em violoncelo”* (Leandro, entrevista em 23/11/2010).

Dos seis entrevistados, cinco pretendem cursar faculdade de música e uma ainda está em dúvida, embora não se imagine sem tocar: *“Eu não penso em parar de tocar. Nem consigo pensar em como é que seria se eu parasse de tocar, vendo os outros tocando. Acho que seria até meio estranho”*, afirmou a estudante. A estudante Eriadny contou que foi através da Orquestra que ela teve vontade de fazer faculdade de música e

comentou: *“é com ela que eu vou conseguir cada vez estudar mais para estar pronta”* (Eriadny, entrevista em 31/08/2010).

Neste ano, dois estudantes prepararam-se para a Prova Específica do curso de música do IA da UFRGS. Pude observar este desejo em outros componentes da Orquestra, que ainda estão no Ensino Fundamental ou iniciaram agora o Ensino Médio. São todos exemplos de como a Orquestra produz condições de construir um plano de futuro, de estudo, de carreira.

Assumir a música como profissão não é unanimidade entre os componentes da Orquestra, embora seja o objetivo da maior parte deles. Em relação a isso, uma estudante comentou comigo que *“tem pessoas ainda que, eu vou ser bem realista, que estão aqui mesmo pelas viagens, porque é só ver que tem criança que não faz nenhuma oficina”*. Ela fez referência aos componentes da Orquestra que não realizam nenhuma outra atividade dentro do programa, considerando que estes estudantes não buscam se aprofundar no aprendizado musical nem seguir com o estudo da música posteriormente.

Ela acredita que isto ocorra, talvez, porque estas crianças não recebem o apoio dos pais, explicando que *“pode ser que a Orquestra já incomode os pais, que já dizem ‘está muito fora de casa’. Então eles devem pensar assim: ‘imagina se eu entrar em uma oficina, fazer outra coisa’. Tem que ter o apoio da família, senão não adianta”*. Mas confirmou que já ouviu pessoas dizerem que gostam mais das apresentações, especialmente pela comida⁷ e pelas viagens.

Há quatro anos a professora Cecília consegue organizar uma viagem anual, com o objetivo principal de proporcionar aos componentes que conheçam outros lugares do país e realizem atividades de lazer. Eles visitaram Florianópolis, Rio de Janeiro, Brasília (onde também foram contratados, realizando uma viagem a trabalho e também por lazer) e, em janeiro de 2011, foram a Salvador. Ela explica que eles acabam levando os instrumentos, tocando, mas que a Orquestra vai por conta própria, a partir do dinheiro do caixa, recebido através de cachês de apresentações em empresas e instituições privadas e da venda de CDs e de camisetas do grupo.

Além dessas viagens, a Orquestra também recebe convite para se apresentar em cidades do interior do Estado. Na primeira visita que fiz à escola, quando conheci a professora Cecília, ela contou, por exemplo, sobre um convite que eles haviam recebido, em maio de 2010, da Prefeitura de Selbach, cidade de colonização alemã, onde os

⁷ Foi instituído que, em toda apresentação, é obrigatório que os componentes da Orquestra recebam lanche. Este tema será discutido na seção 3.3.

estudantes ficaram hospedados em casas de moradores da cidade. Estas viagens proporcionam aos estudantes que conheçam outras culturas, diferentes pessoas, valores característicos de diversas descendências de colonização do Estado.

Os componentes da Orquestra não recebem dinheiro para participar do grupo artístico. Os que participam de várias oficinas recebem lanche, almoço e janta na escola. Em virtude da rotina do grupo artístico, somente a estudante Jerusa consegue conciliar sua participação na Orquestra com um estágio. Mas ela afirma que se o horário do estágio que ela realiza a impossibilitasse de integrar o grupo artístico, ela não estaria trabalhando, porque ela permaneceria na Orquestra de qualquer forma. A respeito disso, ela explicou que compreende que:

Tem vários lugares que a gente viaja, que se a gente fosse ganhar dinheiro, a gente não ia fazer a metade. O dinheiro iria ou pra comida, ou pra casa, ou pra alguma coisa. A gente aproveita, às vezes viajando, conhecendo novas pessoas, e com a experiência que a gente ganha tocando. Eu acho que o que vale é isso (Jerusa, entrevista em 18/11/2010).

Sobre isto, Karolin também comentou que hoje, sem a Orquestra, ela estaria trabalhando, e que não sabe se estaria estudando. *“Porque o que me motiva mesmo é pensar que eu quero seguir na música, quero muito estudar pra eu conseguir”*, explicou ela, que continuou: *“Eu estou com 18 anos, eu poderia fazer um estágio, trabalhar... a questão do dinheiro, pra comprar as minhas coisas. Mas eu gosto de ficar aqui, é o que eu quero pra mim, eu vou seguir na música, senão eu não estaria aqui”* (Karolin, entrevista em 31/08/2010).

O Programa conta, em média, com cinco monitores, componentes que demonstram interesse e habilidade em auxiliar os estudantes das turmas de iniciação musical. Ser monitor é um lugar de destaque dentro da Orquestra, como comentou a professora Cecília. Os monitores são contratados pelo Instituto São Francisco, assim como acontece com os professores. A professora explicou que *“O projeto se multiplica dentro dele mesmo”*, citando os exemplos de Keliezy Severo e de Vladimir Soares, que iniciaram como integrantes da Orquestra, tornaram-se monitores, formaram-se em cursos superiores de música e atualmente trabalham no Programa como professores.

O trabalho de capacitação musical envolve outras atividades, além dos ensaios e das oficinas. O grupo artístico assiste a apresentações da OSPA, a recitais de seus professores – realizados ao longo de suas graduações em música –, a shows de música popular, a exposições que envolvem questões de música – como a Exposição Música, Ciência e Tecnologia, ocorrida no Museu da UFRGS. Alguns participam de cursos de

extensão em Música na UFRGS. Essas experiências possibilitam que o integrante da Orquestra conheça as possibilidades de seu instrumento, amplie sua cultura musical, eduque-se para formação de plateia, interaja com outros instrumentistas.

A professora Cecília citou como exemplo certa vez em que levou o grupo para assistir a um recital do professor Vladimir Soares, no início de sua graduação em música (pelo IA/UFRGS). Segundo ela, os estudantes comentavam surpresos e empolados que o professor tocava muito bem, e sua resposta era *“Ele toca, mas um dia ele não tocava. E um dia ele tocava como vocês. Por que vocês não podem tocar como ele?”*. Isso faz parte de um trabalho de sensibilização e conscientização, perceptível no grupo hoje, mas que precisou ser desenvolvido. Não são questões naturais, intrínsecas, elas dependem de ações mais amplas do que o ensino da linguagem musical e o estudo do instrumento.

A professora Cecília contou, então, sobre quando todos foram à colação de grau do professor Vladimir, e uma estudante comentou com ela: *“Professora, pra mim faltam sete anos, (...) sete anos pra eu estar aqui também, me formando que nem ele”*. A estudante, que ainda está no Ensino Médio, experienciou o que significa o ritual de graduar-se em música e projetou, a partir dessa vivência, sua expectativa. Ela construiu um sentimento de pertencimento e reconheceu suas possibilidades de ocupar este lugar:

Eles estavam lá. Eles presenciaram o que é uma solenidade de formatura, uma colação de grau da UFRGS. Viram que é uma emoção para todas as pessoas, estava lotado o Salão de Atos. Isso mudou pra eles. *Eles podiam até pensar, agora eles verbalizam. Eles estão assumindo esse compromisso com eles mesmos*⁸. São propósitos que eles vão estabelecendo na vida e é isso que tem que ser. A Orquestra, de uma forma ou de outra, por todas essas coisas que compõem esse trabalho, tudo o que eles vão vendo, observando, cria neles o desejo de construir um projeto de vida. No caso daqueles que estão na Orquestra mesmo (grupo artístico), (construir um projeto de vida) vinculados à música. (Cecília, entrevista em 11/01/2011).

⁸ Grifos meus.

3 A Orquestra em caráter subversivo



Figura 4 – Violoncelista

3.1 “*Quem é que vai falar mal de um lugar onde tem um projeto tão bonito quanto este?*”

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Heitor Villa-Lobos é localizada na Vila MAPA, em Porto Alegre. Em seus três turnos de funcionamento, atende cerca de 1400 estudantes, contando com 90 professores, 19 funcionários e sete estagiários⁹. A Vila MAPA teve seu surgimento em um assentamento promovido pelo Movimento Assistencial de Porto Alegre, de onde provém seu nome.

A professora Cecília, em sua Monografia de Conclusão do Curso de Especialização em Educação para a Paz, descreve um pouco do que percebeu ao desenvolver este trabalho na escola e com a comunidade:

Na comunidade da Vila Mapa, Lomba do Pinheiro, as crianças e os adolescentes estavam à margem da vida cultural da cidade, desassistidos socialmente e sem perspectivas de futuro. O envolvimento com a drogadição e a criminalidade se tornava quase inevitável, assim como a estagnação social.

[...]

A localidade se caracteriza por população de baixa renda vitimada pelo desemprego, consumo e tráfico de drogas, desestrutura familiar, violência doméstica, principalmente contra a mulher, gravidez precoce, prostituição e delinquência juvenil, além de sofrer com problemas estruturais, como ocupação indevida de terrenos, construções irregulares, alta densidade demográfica, saneamento e atendimento de saúde precários, ausência de praças e áreas de lazer, entre outros (Silveira, 2006, p.5).

Keliezy Severo, moradora da comunidade, ex-integrante e atualmente professora da Orquestra, explica em sua Monografia de Especialização em Educação Popular: “Atualmente a comunidade da Vila Mapa enfrenta um quadro não muito diferente das outras comunidades situadas na periferia de Porto Alegre, onde nem todos os moradores têm acesso à água, luz, esgoto, asfalto, moradia e emprego” (Severo, 2010, p. 27).

A violência e as drogas são questões recorrentes na comunidade. Transcrevo, abaixo, duas situações em que estes temas são tratados com certa naturalidade por moradores da comunidade. Na primeira, um diálogo entre um menino de aproximadamente sete anos e a monitora de violino. No segundo, uma conversa que tive com um componente da Orquestra, na parada de ônibus, onde estava também outra pesquisadora da Orquestra.

Situação um:

Menino - Sora, tem quatro camburão da polícia no beco, vendo as drogas. Os guri foram lá olhar.

Monitora - É bom ficar longe. Criança não tem que ficar perto dessas coisas.

Menino - Eles já tão lá, sora. [Sai correndo para ir olhar também].

Situação dois:

Menino - Eu levo vocês, no fim da rua, que vocês podem pegar mais ônibus, não só o MAPA.

⁹ Dados obtidos no site www.websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/villalobos/nossa.htm Acesso em 15/03/2011.

Pesquisadora - Não, não. Por essa rua não. Eu ouvi outro dia, aqui na parada, que tem tiroteio por aí.

Menino - Que tem o quê?

Eu - Eu vi uns policiais com umas baitas armas nessa rua, outro dia.

Menino - Sim, e policial vai andar como? Sem arma? Eu não acredito que vocês têm medo. Vocês duas são muito diferentes.

Os integrantes do grupo artístico Orquestra Villa-Lobos são alunos e ex-alunos da escola, moradores da comunidade da Vila MAPA ou de outras comunidades da Lomba do Pinheiro. As características apresentadas nessas localidades atingem cada componente da Orquestra, em menor ou maior intensidade. Sobre eles, são proferidos diversos discursos, sustentados por práticas, que os excluem da sociedade e, particularmente, da cultura legitimada.

Não cabe, aqui, relacionar os enunciados que os produzem como sujeitos marginais da sociedade, apesar de expor acima algumas das práticas referentes a isso – que abarcam questões estruturais, educacionais, de segurança, de transporte público, de desemprego. Este trabalho pretende vê-los como integrantes em um processo de desnaturalização das práticas e discursos que os posiciona como sujeitos marginais da cultura.

A apreciação musical e o aprendizado de música ocorrem nos diversos segmentos – sociais, culturais, religiosos, ... – da nossa sociedade. Apesar disso, historicamente o ensino de música através da leitura de partituras e da compreensão de teoria musical – ou seja, a partir da compreensão e apropriação da linguagem musical – ainda é restrito a uma pequena parte da população, bem como acesso a obras eruditas e à ampliação de conhecimentos e gostos musicais.

Não quero dizer, com isso, que um saber é mais importante que o outro. Os saberes e as práticas locais, provenientes de diversas expressões culturais, tal como é o aprendizado nas escolas de samba, também precisam ser valorizados e, nesse sentido, os estudos etnomusicológicos vêm contribuindo muito nas últimas décadas¹⁰. O que destaco aqui é a espacialização dos territórios: a linguagem musical e a música erudita restritos apenas a uma parcela mínima da população, de classe média ou de classe alta, detentores de uma cultura legitimada por discursos e práticas.

Refiro-me ao ensino situado de música, no sentido de localizar sujeitos culturais de acordo com suas classes sociais. Este ensino, que reserva a linguagem musical e a

¹⁰ As escolas de samba, por exemplo, correspondem a um ambiente onde o aprendizado não-formal de música é desenvolvido. Sobre este tema, ver a pesquisa desenvolvida pela professora Dra. Luciana Prass, que culminou no livro “Saberes musicais em uma bateria de escola de samba: uma etnografia entre os Bambas da Orgia”, publicado em 2004.

música erudita a classes consideradas mais nobres da população, foi descrito pelo pesquisador francês Snyders:

[...] é verdade que, nesta sociedade, atualmente, a escrita musical e, portanto, o acesso às obras-primas, representa uma área de desigualdade social flagrante: a “grande música” existe essencialmente para uma “elite” de privilegiados, privilegiados da cultura, que, aliás, raramente são desfavorecidos em outras áreas e frequentemente são “herdeiros” de pessoas já privilegiadas. Para a massa constituída pelos outros, resta algo como as “variedades” (Snyders, 1994, p.42).

Mesmo ciente de que o autor refere-se à realidade europeia dos anos 90, é possível utilizá-lo também em contexto brasileiro, onde o acesso à escrita musical e às obras-primas, referidas por Snyders, dá-se, em sua maioria, em conservatórios e escolas particulares de música. Essa elitização do ensino e do aprendizado de música localizam os sujeitos em uma complexa rede de qualificação e classificação, pois os organiza entre os que podem e os que não podem ter acesso à “cultura da grande música”, os que têm e os que não têm acesso a determinados shows e apresentações de Orquestras, os que conhecem e os que não conhecem música erudita¹¹, os que podem e os que não podem ingressar no curso superior em música da UFRGS¹².

Para ingresso no curso superior de Música – licenciatura e bacharelado – na UFRGS, é necessário, anteriormente ao vestibular, que o candidato seja aprovado em uma Prova Específica de conhecimentos musicais¹³. Para essa prova, de caráter eliminatório, é necessário apresentar as músicas eruditas exigidas e conhecer teoria e percepção musical, bem como dominar a leitura de partituras.

Os componentes da Orquestra Villa-Lobos surgem como um escape às normas *culturais* – não necessariamente sociais – vigentes. Eles reconhecem o curso de música da UFRGS como uma possibilidade. Muitos deles participam ou já participaram de projetos de extensão promovidos pela Instituto de Artes desta Universidade. Três integrantes da Orquestra ingressaram no curso de música da referida instituição e um integrante concluiu o curso superior em música pelo Centro Universitário Metodista.

Ocorre, portanto, uma redefinição de posições possíveis de serem assumidas. Estes estudantes ocupam o lugar que até então cabia apenas ao *outro*¹⁴ – ao que pertence à classe média ou classe alta, ao que não mora na periferia, ao que não estuda em uma

¹¹ A questão referente ao repertório do grupo artístico Orquestra Villa-Lobos e, portanto, ao conhecimento e aprendizado de música erudita por parte desses estudantes será discutida posteriormente.

¹² Refiro-me especialmente à UFRGS pelas características que a tornam a Universidade mais almejada pelos estudantes da Orquestra: pública, de excelência, localizada em Porto Alegre.

¹³ Conteúdos específicos disponíveis em www.artes.ufrgs.br

¹⁴ Conforme descreve a pesquisadora Hikiji (2005, p. 169), “tornar-se o outro não implica abandonar a si próprio”.

escola pública. Eles constroem uma possibilidade de escape às condições *culturais* de assujeitamento apresentadas na comunidade onde moram: ao subirem em palcos consagrados por grandes artistas brasileiros e internacionais, ao prepararem-se para a Prova Específica dos cursos de música da UFRGS, ao concluírem o Ensino Superior, ao apresentarem competência no domínio da linguagem musical e da técnica do instrumento.

Como moradores da Vila MAPA, estudantes de escola pública, os integrantes da Orquestra Villa-Lobos estariam à margem em diversas situações sociais e culturais. O ensino-aprendizado de música formal e de qualidade desenvolvido no *Programa* surge, então, como uma possibilidade de ocupar uma nova posição nas práticas e discursos vigentes *sobre música e sobre os moradores da periferia*: não mais ocupam o lugar do *outro*, de fora do que é possível e permitido, mas passam a ocupar um lugar como o que pertence. É construído, portanto, o *sentimento* de pertencimento à sociedade, em determinados momentos e sob certas condições, junto a um trabalho cuidadoso e de qualidade musical.

A professora Cecília relatou que nos primeiros anos do Programa, os estudantes tinham vergonha de serem apresentados como moradores da Vila MAPA, nas audições que realizavam em outros locais da cidade de Porto Alegre. “*Mas é onde vocês moram, e vocês têm que contribuir pra melhorar o lugar onde vocês moram, e não falar mal da Vila MAPA*”, respondia ela. A baixa auto-estima dos integrantes da Orquestra, nos anos iniciais do trabalho, também foi descrita pela professora. Atualmente, eles reconhecem a importância do Programa para a comunidade – porque a extensão da Orquestra não encerra em seus 40 componentes; ela se estende aos mais de 400 atendimentos àquelas crianças e jovens, a tantos outros que já passaram por ali e a todas as famílias, que acompanham seus filhos, sobrinhos, netos. A professora Cecília explicou esse caráter global da Orquestra:

Eles [os familiares] têm um respeito muito grande e é incontestável, pela história que tem esse Projeto nessa escola. É incontestável. Até os pais mais novos. Eles são pais mais novos, mas eles sabem dessa história, porque eles acompanharam de alguma forma. Ou o filho menos, ou o sobrinho, ou o vizinho, ou só porque acontecia na comunidade e eles estavam vendo. (Profa. Cecília, entrevista em 11/01/2011).

A constituição de novos valores agregados à comunidade da Vila MAPA – de auto-estima elevada, de competência artística, de pertencimento à sociedade – é muito bem descrito por Leandro: “*Quem é que vai falar mal de um lugar onde tem um projeto tão bonito quanto este?*” (Leandro, entrevista em 31/11/2010).

O trabalho desenvolvido na Orquestra é proveniente de uma luta de resistência a um discurso legitimado que exclui jovens moradores de periferia e estudantes escola pública ao acesso à linguagem musical e à expressão por meio dela. É um projeto de disseminação e democratização do ensino e do aprendizado de música. O Programa não dá conta de todas as questões sociais às quais os estudantes estão à margem, mas ela gera tantas outras oportunidades, que acaba por abarcar questões mais amplas que apenas o caráter musical. Por exemplo: a partir do momento em que os estudantes almejam entrar na Universidade – como ocorre com a maior parte dos integrantes do grupo artístico – eles comprometem-se, no mínimo, a concluir o Ensino Médio. Esse desejo de prosseguir seus estudos musicais influenciou, portanto, na redução do abandono escolar e no aumento do nível de escolaridade entre os participantes. O Programa se inicia em um trabalho musical, e se amplia na medida em que os componentes constroem planos de vida, como descreveu a professora Cecília:

A Orquestra é justamente o contrário do que está impregnado na comunidade. Na comunidade existe uma impregnação de conformismo, acomodação. E todas as ações da Orquestra são para conseguir. Se não deu desta forma, vamos tentar conseguir de outra.

A Orquestra, na verdade, ela está aí pra mostrar o contrário do que o normal da sociedade manda fazer. Então na verdade ela é subversiva. Ela está subvertendo a ordem natural das coisas, da proposta social, cultural, educativa (Profa. Cecília, entrevista em 11/01/2011)

3.2. “*Nós somos muito populares*”

Os estudantes da Orquestra Villa-Lobos têm acesso à linguagem musical, característica imprescindível para integrar o grupo artístico. Todos apresentam domínio da técnica do instrumento – ou *dos instrumentos*, como na maioria dos casos. Eles têm, também, acesso à música erudita – ou à Grande Música, como caracterizado por Snyders. Porém, a música erudita não é o foco do Programa, tão pouco caracteriza o grupo artístico.

Tanto a música popular quanto a música erudita apresentados pelo programa surgem como convites para a construção de novos saberes musicais. Através do repertório da Orquestra, estes estudantes passam a conhecer Chico Buarque, Bee Gees, Milton Nascimento, John Lennon, Tim Maia, Paul McCartney, Toquinho, Phil Collins e Gonzaguinha, da mesma forma que são apresentados a Bach, Villa-Lobos, Händel,

Beethoven, Schubert, Vivaldi e Pachelbel. O repertório do grupo artístico conta ainda com canções folclóricas, de domínio público e composições coletivas dos componentes.

Não existe uma hierarquização dos saberes, não ocorre um aprendizado em detrimento do outro. É a partir da valorização das características particulares de cada uma das composições constituintes do repertório da Orquestra que é proporcionado o aprendizado amplo, construído na e para a diversidade. É o acesso a “*vários tipos de cultura*”, como definiu um integrante do grupo, que é “*o diferencial da Orquestra*”, como completou seu colega. “*Não existe uma cultura melhor que outra. Existem possibilidades de conhecer outras coisas*”, explicou a professora Cecília.

O grupo artístico apresenta, em seu repertório, diversos estilos de música. O samba, o rock, a bossa-nova, a música folclórica, a música erudita: tudo é perfeitamente conciliável, como comentou a professora Cecília, “*uma coisa não impede a outra*”. Trata-se da ampliação da cultura musical dos integrantes. “*Comecei a gostar de músicas diferentes. Clássicos que não foram construídos nesses anos desde que nasci*”, comentou uma componente do grupo artístico. “*Eu não conhecia música clássica nenhuma*”, afirmou sua colega. “*Música é o que eu ouvia na rádio. Hoje, é o que eu faço*”, explicou um integrante.

A proposta musical, portanto, é trabalhar na diversidade – que decorre inclusive das diferentes formações e preferências dos professores das oficinas. A componente Thalita da Cruz destacou que o mais importante do repertório da Orquestra, para ela, não é o estilo da música proposta pelos professores, mas a dificuldade que ela apresenta: “*O que eu menos gosto é quando a professora dá músicas que não são tão difíceis. Eu gosto de aventura*”.

O pagode é o estilo musical mais recorrente entre os estudantes da Orquestra, em seus cotidianos. Ele aparece nos corredores, nas festas, no ônibus – nas idas e vindas das apresentações. Na festa que comemorou o 19^a aniversário da Orquestra, os estudantes *responsáveis pelo som*¹⁵ apresentaram um repertório composto essencialmente por pagode. Nas vezes em que os acompanhei no ônibus, indo ou voltando de uma apresentação – à exceção da audição de final de ano de 2010, que após a maratona de mais de 16 horas ininterruptas no Teatro do Bourbon Country eles estavam exaustos – muitos componentes reuniam-se para tocar pagode, com os

¹⁵ As tarefas são distribuídas a cada apresentação ou festa. Um grupo de estudantes torna-se responsável por ser DJ da festa, outro grupo assume a montagem e desmontagem do ambiente, outro cuida do figurino, e assim por diante.

instrumentos da percussão e o cavaquinho. Jerusa, que não pode participar da oficina de percussão porque o horário colide com sua aula regular do Ensino Médio, aproveita estes momentos de descontração no fundo do ônibus: *“Eu adoro tocar percussão. No ônibus, os guris tocam pagode e eu pego os instrumentos”*.

Se tu nasceste numa comunidade onde teu pai, tua mãe, teu vizinho, [muitos] tocam pagode, são da escola de samba, é a rádio que escuta, na verdade a tua cultura musical, desde pequenininho, surgiu por aí. O pagode é bem forte mesmo. Eles cantam pagode, eles querem tocar no violão, no cavaquinho. É a identidade deles. Eles não têm que abrir mão dessa identidade, é a história deles. *O trabalho da Orquestra não vem mudar a história deles, vem acrescentar à história deles novas manifestações culturais e novas possibilidades de conhecimento de culturas. Vem agregar, não vem substituir*¹⁶ (Profa. Cecília, entrevista em 11/01/2011).

As músicas que compõem o repertório do grupo surgem das mais variadas formas: pode ter sido proposta por um professor ou por um aluno em alguma oficina e ter se estendido ao grupo artístico, pode decorrer de um tema central que norteará a apresentação de final de ano, pode advir de uma exigência de algum contratante da Orquestra, pode aparecer de uma necessidade de desenvolver certas características técnicas. Com isso, em alguns anos a música erudita torna-se mais recorrente, em outros anos a música popular é mais freqüente.

A escolha do repertório também decorre do instrumento em questão. No estudo do violoncelo, do violino e, mais recentemente, da viola – no grupo de cordas – a música erudita está bastante presente. O mesmo ocorre na oficina de flauta avançada. Já na oficina de percussão ou de violão, as músicas populares são mais utilizadas. Isso não impede que os percussionistas e violonistas da Orquestra se apresentem com repertório erudito também, tão pouco que o grupo de cordas toque música popular, como ocorreu na apresentação de final de ano de 2011.

Nos últimos anos, o que a gente tem observado? Um desejo em se aprofundar na técnica do instrumento, e é a música erudita que vai dar esse caminho.

Eles não tinham essa noção. Eles não tinham noção do que era tocar bem violino [por exemplo]. Então a gente os leva pra concerto. Tem todo um trabalho paralelo.

E os alunos começaram a perceber... eles foram ampliando, eu acho que situando mais, do quanto mais eu posso aprender desse instrumento. Que eu ainda não sei nada perto de tudo o que eu ainda posso aprender. E aí a música erudita veio dar a resposta a eles. É pela música erudita que eu vou conseguir ser um virtuoso.

Então, a música erudita, hoje, não é uma prioridade nossa. Não existe isso. Nós somos muito populares. Popular no sentido de música popular. Porque é

¹⁶ Grifo meu.

a característica da comunidade. Tem uma coisa muito forte, muito viva ali. Mas a música erudita vem complementar e dar o canal para a especialização na música, para aprofundar o estudo da música. E isso eles têm consciência.

Então a música erudita, ela entra naturalmente, na necessidade que existe para que ela dê o subsídio, a parte teórica, a parte técnica, para que o aluno avance musicalmente. (Profa. Cecília, entrevista em 11/01/2011).

3.3 “*Eu gosto quando minha mãe me vê tocar! Pelo menos eu sei que ela tá orgulhosa...*”

Nos últimos anos, os ensaios da Orquestra são, essencialmente, voltados para estudar as músicas que serão tocadas na audição seguinte. Segundo a professora Cecília, o grande número de apresentações que o grupo realiza anualmente – em 2011 foram 90 – exige essa rotina. Portanto, é através da aparição pública que culmina o empenho de todo o grupo.

As apresentações em escolas municipais de Porto Alegre são as mais frequentes. Além destas, outras instituições também convidam o grupo artístico para abertura de seminários, homenagens, aniversários. Das escolas públicas, é exigido apenas o transporte e a alimentação para todos os componentes que irão se apresentar. Para instituições privadas, é combinado também uma ajuda de custo, que auxilia nas despesas da Orquestra – como figurinos, manutenção de instrumentos, entre outros.

O lanche é esperado por todos. “*Se não tivesse lanche, eu não vinha*”, comentou comigo uma das componentes, após uma apresentação em uma escola municipal. Outro integrante reclamava, no dia da apresentação de final de ano, em 2010: “*Por que eu não posso repetir? Sacanagem isso, eu estou com fome!*”. “*Todos os momentos que a gente sai com os alunos, eles têm que voltar alimentados. Porque eu me dei conta... Eles vão chegar em casa e não vão comer, na maioria das vezes, não vão comer*”, explicou a professora Cecília. Quem fica na escola o dia todo (ou sai para apresentações, mas retorna para as Oficinas, por exemplo), tem direito ao lanche, ao almoço e à janta.

No início de cada mês, os integrantes recebem uma agenda que contém os dias, locais, horários e figurinos referentes a cada apresentação. O repertório é combinado conforme cada audição se aproxima. Ainda assim, a cada semana a professora Cecília anexa, na sala acústica, a agenda das oficinas e dos ensaios da Orquestra, para que todos os componentes organizem seus compromissos - devido a eventuais colisões de horário.

Os componentes da Orquestra concebem as apresentações em escolas de forma diferente das demais apresentações. Para eles, já é considerado rotina apresentar-se em ambientes escolares. As demais apresentações, as “grandes”, como eles referem, geram nervosismo e expectativa. De qualquer forma, a performance em palco é o momento em que eles demonstram todo seu estudo e sacrifício.

A gente percebe que eles fazem aquilo e muitas vezes é sacrifício mesmo, pra todos nós. Pra mim, pra eles. Mas isso é encarado como uma necessidade pra crescer [...]

Nisso eu acho que a arte, o trabalho artístico em grupo, coletivo, ele é muito gratificante. Porque ele é penoso, acho que toda atividade tem seu sacrifício, tem muito estudo, mas é uma coisa que todos se satisfazem. Porque é o desejo. É o desejo de realizar o melhor que pode, conseguir o melhor resultado que o grupo consegue. (Profa. Cecília, entrevista em 11/01/2011).

Rose Satiko Hikiji, autora de “A Música e o Risco – Uma Etnografia da Performance Musical entre Crianças e Jovens de Baixa Renda em São Paulo”¹⁷, pesquisadora do Projeto Guri¹⁸, ilustra a questão da performance de forma pertinente também ao contexto da Orquestra Villa-Lobos:

A performance é central em projetos que, como o Guri, tem como um dos objetivos principais a intervenção social por meio da música. Ela torna visíveis atores e instituição. É palco de um amplo jogo de espelhos, lugar de exibição de identidade e construção de auto-imagens. É espaço de transformação. É concebida como auge do processo pedagógico, locus de exibição do que foi aprendido, ensaiado, incorporado. É a oportunidade de conhecer novos lugares, pessoas, é a “saída para o mundo” [...] (HIKIJ, 2005, p. 158).

Através desse “mostrar-se”, surgem diversos sentimentos: de orgulho, de importância, de reconhecimento. Eles sentem o reconhecimento do trabalho realizado, aumentam a auto-estima, sentem-se muito satisfeitos de ter a oportunidade de mostrar a seus pais e familiares o resultado de seu empenho. “A experiência da performance excede os minutos no palco. A performance pode operar transformações permanentes”, conforme observa Hikiji (2005, p.171). A estudante Jerusa descreveu o que representa a presença de sua mãe nas audições: “*Eu gosto quando minha mãe me vê tocar! Pelo menos eu sei que ela tá orgulhosa, assim, de mim. Quando ela olha*”. (Jerusa, entrevista em 18/11/2010).

Para subir ao palco, os componentes do grupo artístico precisam se sentir muito bem arrumados. A preocupação com o cabelo, a roupa, o perfume e demais detalhes atinge a todos: meninos, meninas, mais novos ou mais antigos no grupo. A cada

¹⁷ Versão revisada de sua Tese de Doutorado, de 2003.

¹⁸ Programa de ensino musical pertencente à Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, destinado a crianças e jovens de baixa renda.

apresentação era possível observar o cuidado com a aparência. As meninas maquiavam-se revezando-se entre os espelhos, os cabelos precisavam ser arrumados com muito cuidado e exigiam a maior parte do tempo, ninguém desocupava os banheiros. Quando um figurino não ficava exatamente como era esperado, havia uma decepção conjunta. *“Eles têm que estar impecáveis na hora da apresentação. Eles não gostam de estar mais ou menos. Eles têm que estar muito bonitos. Eles têm que estar o mais bonito que eles podem”*, observou a professora Cecília (Entrevista em 11/01/2011).

Uma semana antes da audição de final de ano (realizada no Bourbon Country dia 08/12/2010), os integrantes receberam os horários definitivos referentes à maior apresentação de 2010 – contendo os horários dos ensaios finais, da passagem de som no Teatro, de saída e retorno à escola no tão esperado dia. Foi um alvoroço geral. Todos falavam ao mesmo tempo, reclamavam, estavam inconformados. Peguei um dos bilhetes na mão: na terça-feira, a passagem de som seria no Teatro e o ônibus sairia da escola às 13h30min horas, retornando às 22h30min horas, de modo que os estudantes estariam na aula regular durante o turno da manhã; na quarta-feira, o ônibus partiria às 07h30min horas para o último ensaio geral, a ser realizado no local da apresentação durante toda a manhã, onde todos almoçariam e realizariam a primeira apresentação às 15h30min horas.

De fato, eu considerei bastante exigente a determinação, pois seriam 9 horas de dedicação na terça-feira e 17 horas na quarta-feira (retornamos à escola por volta das 23h30min horas). Mas eu não havia entendido a verdadeira motivação daquele incômodo todo. Não era a exaustão prevista que os havia transtornado: era a falta de tempo para se arrumarem. *“Como é que eu vou fazer o meu cabelo?”*, perguntou-me uma menina. Foi então que percebi. O intervalo entre o ensaio geral e a audição era muito curto, insuficiente para dar conta de arrumar o cabelo, maquiagem, figurino. E de qualquer forma, fazer o cabelo no teatro não era o que elas esperavam. *“Não tem o que fazer”*, decretou uma das componentes, resignada.

Os dias que antecedem as “grandes apresentações” são de apreensão, e as horas de estudo – individualmente e coletivamente – aumentam. *“Vai bater o nervosismo, porque vão ter os solos, essas coisas todas, individuais, de cada um. Daí vai bater o nervosismo, pra não dar nada errado”*, comentou o componente Eguivaldo (Entrevista em 18/11/2011).

Duas integrantes descrevem o que representa, para elas, apresentarem-se para um grande grupo, em locais prestigiados – consagrados por grandes artistas.

É muito legal. É emocionante. Porque na verdade, nos ensaios, a gente estuda, às vezes, dividido por naípe. Daí a gente pensa “está demorando muito, eles não pegam...”. Mas eu acho legal que, no final, depois, quando a gente apresenta, parece que é uma pessoa só tocando, é só uma coisa que está acontecendo, mas na verdade... é muito emocionante, muito legal. Eu gosto. (Karolin, entrevista em 31/08/2010).

O que eu mais gosto [na Orquestra] é de tocar mesmo. Tocar nas apresentações. Parece que dá uma energia na hora de tocar, principalmente nas apresentações grandes, tipo na UFRGS, quando a gente foi. Tu sente um calafrio, tu sente que tu quer tocar melhor. (Jerusa, entrevista em 18/11/2010).

3.4 “A música também bota a pessoa no lugar”

A partir das vivências proporcionadas pela Orquestra Villa-Lobos, estas crianças e jovens passam a conceber suas atitudes de forma mais crítica e responsável. Através do trabalho musical desenvolvido junto ao grupo artístico, surgem diversas oportunidades, que geram inúmeros aprendizados, como discutido anteriormente. Essas experiências auxiliam na formação pessoal do integrante da Orquestra, de forma mais ampla que apenas em caráter musical, relacional, cultural. Trata-se da mudança de valores, da conscientização do que é certo e errado em suas ações. Para o educador musical Carlos Kater,

música e educação são, como sabemos, produtos da construção humana, de cuja conjugação pode resultar uma ferramenta original de formação, capaz de promover tanto processos de conhecimento quanto de autoconhecimento. Nesse sentido, entre as funções da educação musical teríamos a de favorecer modalidades de compreensão e consciência de dimensões superiores de si e do mundo, de aspectos muitas vezes pouco acessíveis no cotidiano, estimulando uma visão mais autêntica e criativa da realidade. (KATER, 2004, p. 44)

A rotina dos integrantes do grupo artístico – entre oficinas, ensaios e apresentações – exige comprometimento e dedicação. A música é vivida, por cada um deles, com muita intensidade. Tudo, no cotidiano dessas crianças e jovens, gira em torno da Orquestra. Muitas vezes, eles precisam disponibilizar seus finais de semana, realizar trabalhos e provas em outros horários, estudar as músicas em casa, à noite, para dar conta das exigências do repertório. O grupo artístico é a prioridade na vida de cada um deles – e, conseqüentemente, na de suas famílias. A energia desprendida é muito grande, mas é sincera e consentida.

Toda essa rotina exige atitudes que, por vezes, não condizem com àquelas de um integrante novo na Orquestra. Mas para que ele permaneça e assuma o compromisso com o grupo, ele acaba mudando seu comportamento. Não é uma obrigatoriedade, acontece simplesmente porque é impossível conciliar certas formas de ver o mundo, certos modos de pensar e agir, com a Orquestra – onde o respeito, o estudo e a dedicação são imprescindíveis. Participar do grupo artístico é fazer escolhas, e esse é um dos grandes méritos do Projeto.

Trago, a seguir, dois relatos que ilustram essas questões.

Antes eu vivia querendo sair, coisa e tal. Agora não. Agora eu tenho uma ocupação pra fazer. Tem gente que vai só nas esquinas, fumando, bebendo. Eu não, eu faço a Orquestra, eu faço flauta. Então em vez de eu estar aí nas esquinas, eu estou aqui. É uma ocupação. É colocando a minha mente em umas coisas que vão dar lucro pra mim, e não em outras coisas. (Jerusa, entrevista em 18/11/2010).

Eu era muito arteiro. Aprontava no colégio, subia em cima do telhado, corria, tocava pedra, xingava os professores. Daí, depois que eu entrei pra Orquestra, daí eu comecei a ter outra visão. Comecei a fazer outras coisas, a ter outras amizades também. Daí eu comecei a mudar. Eu tinha um monte de amizades antes, só que daí dentro da Orquestra eu comecei a ver... eu comecei a ver o mundo de outro jeito, comecei a ter outras amizades. A música também bota a pessoa no lugar. Acho que nisso aí a música influencia muito, nessa decisão. (Eguivaldo, entrevista em 18/11/2010).

Jerusa e Eguivaldo também comentaram sobre como estão alguns de seus amigos, moradores da comunidade da Vila MAPA, que não fazem parte da Orquestra.

Os meus amigos, de antes da Orquestra, o que eles estão fazendo hoje? Têm muitos que não estão... não estão legal. [silêncio] (Eguivaldo, entrevista em 18/11/2010).

Tem várias amigas minhas que já estão com filho. Eu não, eu estou aqui. (Jerusa, entrevista em 18/11/2010).

As mudanças não são imposições da Orquestra. Elas passam a ocorrer no momento em que seus componentes são envolvidos por ela. Muitos dos estudantes precisam sair do grupo para servir no Exército, para trabalhar ou por outros motivos diversos. Mas os aprendizados e os valores apreendidos nas vivências junto ao grupo artístico acompanham estes jovens. Não são habilidades e modos de pensar aplicáveis somente dentro do universo musical em que estão inseridos, são questões que transcendem este tempo e este espaço ocupado pela Orquestra.

Isso implica na mudança de sentimentos e atitudes globais. Os estudantes crescem dentro da Orquestra, os anos que eles passam ali dentro são de formação integral, de caráter, de valores, de ética. E eles apreendem isso de forma muito

significativa: eles dividem-se nas tarefas, auxiliam uns aos outros, respeitam as diferenças – e são muitas dentro do grupo – físicas, de gênero, comportamentais, de gostos.

A Orquestra transforma a vida dessas crianças e desses jovens, de forma irreversível. E eles têm consciência disso, eles verbalizam isso, eles escrevem em cartazes comemorativos. Utilizo-me novamente das palavras da Jerusa e do Eguivaldo:

Eu acho que esse trabalho que a Cecília fez, que ela promoveu, melhorou a vida de todo mundo aqui. Eu posso dizer, porque têm muitas crianças que não estão na rua, estão aqui. E nós mesmos. Eu acho que esse trabalho deu boas chances, sabe? Tem que aproveitar, que nem tem gente que já está numa faculdade. (Jerusa, entrevista em 18/11/2010).

Minha família adora que eu esteja aqui. Não tem preocupação nenhuma quando eu estou na flauta.

Acho que é bom pra gurizada, pra não ficar na rua. Daí tira, tira a gurizada da rua. Acha alguma coisa pra fazer. (Eguivaldo, entrevista em 18/11/2010).



Figura 5 – Flautistas: espetáculo Criar

Considerações Finais

A música se faz presente: em festas, em propagandas na televisão, em filmes, na escola, no aparelho de mp3, no celular. Não há idade ou classe social que não seja atingida e contagiada pela música. Apesar de permear nosso cotidiano, o ensino e o aprendizado de música através da leitura de partituras, do conhecimento de teoria musical e de audições públicas de orquestras e bandas ainda é restrito. Apenas uma pequena parcela da população, proveniente das esferas sociais economicamente mais abastadas da nossa sociedade, possui acesso à linguagem musical e à música erudita.

Os integrantes da Orquestra Villa-Lobos, moradores da Lomba do Pinheiro e estudantes de escola pública, estavam à margem dessa condição de possíveis detentores de um saber musical mais amplo – sem que necessariamente melhor. Até o surgimento e o desenvolvimento do projeto, seus esses estudantes estavam representados como imóveis em uma cultura popular em que seus saberes e suas práticas não poderiam ser explorados e desenvolvidos para além dos limites da comunidade.

A Orquestra surge como uma ruptura dessa representação, como uma possibilidade de escape a seus integrantes. É uma descontinuidade à norma que seleciona os que podem e os que não podem aprender música erudita e leitura formal de partituras. O trabalho musical desenvolvido na Orquestra possui um nível de excelência que merece destaque, visto que muitos de seus integrantes que prestam vestibular para cursos superiores de música têm sido aprovados. Com isso, o Programa institui uma prática que escapa ao quadro elitista do ensino de música vigente nos dias de hoje.

Através de experiências promovidas pela participação na Orquestra, os estudantes também ampliam suas possibilidades sociais, conhecendo outras realidades, concluindo no mínimo a escola básica e, muitas vezes, preparando-se para o curso superior. Todas essas vivências e oportunidades geram mudanças nos componentes do grupo artístico. Auxiliando-os a construir novas redes de valoração, de distinção entre o certo e o errado, que acabam por refletir em seus comportamentos.

O Programa Orquestra Villa-Lobos surge como um micromovimento de fissura às normas naturalizadas e traduzidas como verdade sobre a posição a ser ocupada por um aluno de escola pública morador de periferia quando nos referimos à cultura “elitizada”. É uma possibilidade de fuga e resistência a essa lugarização, até então imposta a essas crianças e jovens da Vila MAPA.

Todos os integrantes sempre me receberam com muito respeito e muita afetividade. Nas semanas em que não podia acompanhá-los, sempre fui muito cobrada: “Onde é que tu andava?”, “Por que não veio assistir tal apresentação?”, “Senti saudades de ti”.

A pesquisadora Claudia Fonseca explicou que:

quando os “nativos” começam finalmente a sentir-se em casa na nossa presença, zombam de nós ou até nos ignoram, aí passamos além dos diálogos “para inglês ver”. Ninguém nega que somos parte da realidade que pesquisamos. (FONSECA, 1999, p. 64/65).

Existem algumas questões relativas à Orquestra e a seus pesquisados que são compreensíveis somente a quem os assiste ou os acompanha. Não consigo parar de surpreender-me ao vê-los em ensaios, apresentações ou mesmo em conversar com eles. Concordo com a professora Cecília quando, em entrevista, ela me disse: “*Tem que ter envolvimento pra entender. Se não, fica muito superficial, ninguém entende, ficam dados, estatística, teórico*”. Compreendo que a pesquisa qualitativa, que a imersão através do trabalho de campo, até então novo pra mim, possibilitou aproximar-me da compreensão dos fatores destacados através desta monografia. Outras tantas questões poderiam ter sido levantadas, outras tantas vivências tive com estas crianças e jovens, que poderiam ter sido discutidas aqui. Mas acredito que, de alguma forma, elas também possibilitaram que este trabalho fosse realizado desta forma.

Mas foi preciso fazer escolhas, e os temas apresentados foram os selecionados, ou por suas densidades, ou pela forma que me tocaram. Um menino, certa vez, pegou meu diário de campo e leu uma página. Ao terminar, ele disse: “*Mas isso eu vivo todos os dias. Tudo isso eu sei*”. Muitas das coisas observadas, vividas e ali escritas, hoje eu também sei. E como pesquisadora, procurei respeitar os momentos de imersão e distanciamento, considerando que “a reflexividade é realizada por essa ida e volta entre dois universos simbólicos” (FONSECA, 1999, p. 65).

Referências bibliográficas

CRIVELLARO, Ângela Beatriz. **Funções da Música no Ensino Fundamental: um olhar sobre cinco escolas estaduais de Porto Alegre/RS**, Porto Alegre, 2006. Dissertação de Conclusão do Curso de Mestrado em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

FONSECA, Claudia. **Quando cada caso NÃO é um caso: Pesquisa etnográfica e educação**. Revista Brasileira de Educação, ano 10, p. 58-78, jan./abr. 1999.

HIKIJ, Rose Satiko Gitirana. **Etnografia da performance musical – identidade, alteridade e transformação**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 11, n. 24, p. 155-184, jul./dez. 2005.

KATER, Carlos. **O que podemos esperar da educação musical em projetos de ação social**. Revista da ABEM, Porto Alegre, V. 10, 43-51, mar. 2004.

PRASS, Luciana. **Saberes musicais em uma bateria de escola de samba: uma etnografia entre os Bambas da Orgia**. Editora da Universidade Federal RS. Porto Alegre. 2004.

SEVERO, Keliezy Conceição. **A Orquestra de Flautas da E.M.E.F Heitor Villa Lobos: uma investigação qualitativa sob a ótica da inclusão social**, Porto Alegre, 2010. Monografia de Conclusão do Curso de Especialização em Educação Popular Brava Gente, Instituto Superior de Educação Ivoti.

SILVEIRA, Cecília Rheingantz. **Construindo uma cultura de paz por meio da inclusão social: a via da educação musical**. Porto Alegre, 2006. Monografia de Conclusão de Curso de Especialização em Educação para a paz. Pontifícia da Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

SNYDERS, George. **A escola pode ensinar as alegrias da música?** 2ª Ed. São Paulo. Cortez, 1994.

Sites consultados:

www.artes.ufrgs.br

www.websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/villalobos/nossa.htm acessado em 15/03/2011.

www2.portoalegre.rs.gov.br/smed/default.php?p_secao=302 acessado em 16/05/2010.